



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO**  
**Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH**  
**Escola de Educação - EE**

**MONOGRAFIA II**

**ALUNO(A)/matrícula:** \_\_\_\_\_

**TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**ORIENTADOR(A):** \_\_\_\_\_

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

**PRIMEIRO AVALIADOR**

**Professor convidado:** \_\_\_\_\_

**Nota :** \_\_\_\_\_

**Considerações:**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**DATA:** \_\_\_\_\_ **Assinatura:** \_\_\_\_\_

**SEGUNDO AVALIADOR**

Professor orientador: \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Considerações:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Data: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

| <b>RESULTADO FINAL</b> |                    |                    |
|------------------------|--------------------|--------------------|
| <b>Avaliador 1</b>     | <b>Avaliador 2</b> | <b>Média final</b> |
|                        |                    |                    |

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2 \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Prof. Orientador



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO: uma análise na mídia  
impressa**

**HENRIQUE DIAS GOMES DE NAZARETH**

**UNIRIO-RJ**

**2011**

**HENRIQUE DIAS GOMES DE NAZARETH**

**QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO: uma análise na mídia  
impressa**

Trabalho de Conclusão de  
Curso para obtenção do grau de  
licenciado em Pedagogia, pela  
Escola de Educação da  
Universidade Federal do Estado  
do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Claudia de Oliveira Fernandes  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Julho de 2011

Agradeço a todos que me apoiaram em minha caminhada acadêmica. Minha mãe, Débora, meu maior exemplo que com três graduações e cursando o segundo mestrado demonstra na prática a importância da constante busca por conhecimentos. Meu pai, Francisco, leitor diário de jornais que sempre separou reportagens sobre educação para mim. Minha companheira, Renata, também companheira de pesquisa, congressos, artigos e discussões acadêmicas. Minha orientadora, Cláudia Fernandes, que durante dois anos me guiou nesse trabalho, iluminando caminhos de pesquisa. E a todos os meus amigos do curso de pedagogia da UNIRIO que acompanharam essa trajetória.

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| Resumo .....  | 6  |
| Introdução .....  | 7  |
| Capítulo 1 – O objeto de pesquisa .....   | 9  |
| Capítulo 2 – Jornalismo e educação .....  | 18 |
| Capítulo 3 – A pauta dos jornais em 2009 .....                                      | 26 |
| Capítulo 4 – Representações da educação de qualidade: uma análise de conteúdo ..... | 37 |
| Capítulo 5 – Por uma educação de qualidade.....                                     | 50 |
| Capítulo 6 – O jornalismo na construção do senso comum em educação .....            | 62 |
| Considerações finais.....   | 66 |
| Referências .....   | 67 |
| Anexos .....  | 72 |

## Lista de tabelas e gráficos

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 – Categorias de análise.....                 | 16 |
| Gráfico 1 – Categorias de análise.....                | 17 |
| Tabela 2 – Citações diretas nos jornais .....         | 21 |
| Tabela 3 – Evolução do tema educação nos jornais..... | 23 |

## Resumo

Neste trabalho apresentamos a análise de conteúdo de textos dos jornais *O Globo* e *O Dia* do ano 2009. Articulamos essa análise com estudos sobre avaliação, políticas públicas de educação e temas relacionados ao campo jornalístico e educacional. Foi possível assim, construir um retrato das concepções de qualidade da educação que permeiam os textos jornalísticos. Apesar da polissemia do conceito de qualidade ele é identificado intrinsecamente com os resultados de desempenho de alunos em grandes exames e, tendo os mesmos como base, buscam-se estratégias para a melhoria de índices e a culpabilização dos resultados negativos. Essa predominância pode ser atribuída as características do campo jornalístico que influencia outros campos, inclusive o educacional, e fortalece os agentes que têm a capacidade de transitar entre as regiões de fronteira que compõem o campo educacional.

**Palavras-chave:** análise de conteúdo; qualidade da educação; avaliação educacional; jornalismo e educação.



## Introdução

O presente trabalho monográfico foi desenvolvido no âmbito do projeto de iniciação científica "A qualidade da educação: um debate entre a opinião pública e os teóricos da educação" contemplado com bolsa de iniciação científica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sendo fruto, tanto desse projeto orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia de Oliveira Fernandes, como da participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação e Currículo (GEPAC), liderado pelas professoras Claudia de Oliveira Fernandes e Andrea Rosana Fetzner da UNIRIO.

Participando desses espaços de formação, interagindo com outros pesquisadores e com os autores, nossa "caminhada científica" foi percorrida e fomos avançando na busca por respostas aos nossos questionamentos. Entretanto, ainda mais importante que isto, fomos aprendendo sobre as dinâmicas da pesquisa em educação. Pretendemos nessa introdução apresentar um pouco dessa trajetória que influenciou as escolhas dos textos, *corpus*, hipóteses e na elaboração deste trabalho final de curso.

Assim, no capítulo 1 "O objeto de pesquisa", apresentamos nossos objetivos de pesquisa, expondo as justificativas do trabalho e o detalhamento metodológico. Explicando também as etapas da análise de conteúdo empreendida.

No segundo capítulo "Jornalismo e educação", realizamos um breve histórico dos jornais pesquisados, descrevendo alguns fatos do passado que influenciaram na posição de cada um atualmente. Analisamos algumas características que diferenciam os textos dos dois jornais e traçamos considerações sobre o lugar que a educação ocupa nos mesmos.

Como maneira de facilitar o entendimento dos fatos noticiados no ano 2009, optamos por realizar no capítulo 3 - "A pauta dos jornais em 2009" - um histórico das ações noticiadas nesse ano. No geral, trata-se da implementação de políticas de avaliação, ações de acompanhamento dos resultados e divulgação de *rankings* de escolas e notas de alunos.

No capítulo 4 "Representações da educação de qualidade: uma análise de conteúdo", tratamos de forma mais detalhada as categorias temáticas

geradas na análise de conteúdo, articulando as questões com textos teóricos sobre os assuntos.

No quinto capítulo “Por uma educação de qualidade” discutimos os vários significados do conceito de qualidade da educação, adotando a qualidade negociada como mais coerente com nossas concepções de avaliação.

O capítulo 6 “O jornalismo na construção do senso comum em educação” articula conceitos como *campo* e *habitus* (BOURDIEU, 1997, 2004 e 2010) para iniciar a compreensão sobre o papel do jornalismo na construção do senso comum identificado com valores neoliberais. Não se trata de afirmar que os jornais possuem o poder de transformar o senso comum, somente que eles atuam nesse sentido e influenciam, ao mesmo tempo, que são influenciados por questões políticas, econômicas e culturais.

Para finalizar, tecemos algumas considerações com o intuito de articular os temas discutidos e apontar para novas reflexões.

## Capítulo 1 – O objeto de pesquisa

Essa pesquisa justifica-se pela necessidade de ultrapassar a superficialidade e a maneira ahistórica na forma como a educação, (e especialmente a avaliação) são retratadas nos jornais e articular as discussões teóricas no campo educacional com as expressões da mídia impressa jornalística.

Nossa análise pretende desvelar essas concepções e compreender de que forma se manifestam nos jornais *O Globo* e *O Dia*, considerando o contexto selecionado para nossa pesquisa.

No período de vigência da pesquisa, fevereiro de 2009 a junho de 2011<sup>1</sup>, focamos nossos esforços nas notícias sobre as políticas de avaliação implantadas no município do Rio de Janeiro no ano de 2009, suas relações com as avaliações externas nacionais e internacionais e o discurso da qualidade que serve de justificativa para essas ações.

Como será possível perceber no capítulo 2 do presente trabalho monográfico, o ano de 2009 se caracterizou como um ano de mudanças e rupturas políticas na área da educação do município carioca. Foi um período onde muitas ações da SME/RJ foram anunciadas e repercutiram nos jornais. Foi um ano marcante para a educação do município, pois houve mudança de gestão na prefeitura do Rio de Janeiro e na Secretaria de Educação, assumindo respectivamente Eduardo Paes e Claudia Costin. O futuro prefeito, em sua campanha eleitoral de 2008, já anunciara as mudanças que realizaria na área da educação, principalmente com a revogação do sistema de ciclos (denominado pela mídia de “aprovação automática”). Ou seja, a escolha pelo recorte temporal da pesquisa, se deu porque percebemos uma forte atenção da mídia impressa jornalística à educação básica carioca com grande atenção às políticas de avaliação.

Por fim, cabe expor também que todas essas questões nos instigavam antes mesmo do início da pesquisa. Tanto pelo contato com notícias que traziam lógicas de avaliação e de qualidade tão distintas de nossos estudos na

---

<sup>1</sup> Estamos considerando todo o período em que a pesquisa foi desenvolvida, inclusive os meses anteriores à aprovação do projeto para o programa de Iniciação Científica da UNIRIO, quando fizemos as leituras iniciais sobre o tema e elaboramos o projeto supracitado.

universidade, quanto pelas discussões empreendidas no âmbito do Grupo de Estudo e Pesquisa em Avaliação e Currículo (GEPAC) – UNIRIO, que se constitui em um espaço debates produtivo e preocupado com a situação atual das políticas de educação do município do Rio de Janeiro.

### **Objetivos e questionamentos**

Nas leituras e reflexões acerca das temáticas e no contato com os dados coletados surgiram algumas indagações que nos forneceram incentivos para pesquisar, a saber: quais concepções de educação de qualidade estão presentes nas matérias de jornais? Qual é a relação dessas concepções com as notícias sobre os exames dos sistemas de ensino? Quem são os sujeitos chamados a depor sobre os assuntos em pauta? Quais as questões que tem maior repercussão da mídia jornalística? E quais são as causas apontadas para a “má” qualidade?

Aliado a isso visamos alguns objetivos e, até o momento, acreditamos estar no caminho para alcançar a maioria deles, mesmo que de forma não definitiva. São eles: (a) identificar os conceitos de educação de qualidade veiculado pelos jornais pesquisados; (b) entender como estão situados historicamente alguns conceitos que expressam o ideal de educação de qualidade; (c) perceber o que os profissionais da educação produzem sobre o tema; e (d) compreender a relação entre as grandes avaliações das redes e sistemas de ensino e o que é considerado educação de qualidade.

### **Metodologia**

Conjugam-se nesse estudo os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica sobre as temáticas que permeiam o objeto de estudo; coleta de materiais do jornal *O Globo* e *O Dia* que abrangem o período de janeiro de 2008 até dezembro de 2009; e análise de conteúdo e discussão das reportagens consideradas mais relevantes de acordo com nossos objetivos, questionamentos.

## Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica permeou todo o percurso da nossa pesquisa. Desde o início nos munimos desse procedimento metodológico para perceber de que forma outros autores compreendem as temáticas que permeiam o projeto.

Dentre as principais temáticas estudadas podemos ressaltar a questão da qualidade da educação, suas diferentes concepções e as formas como esse conceito foi historicamente empregado no Brasil. Para isso, nos focamos na leitura de Enguita (1994), Moreira & Kramer (2007), Oliveira & Araújo (2005), Paro (2007), Esteban (2008) e Fernandes (2002).

A partir do contato com nossas fontes de pesquisa (textos jornalísticos e acadêmicos) sentimos também a necessidade de buscar aprofundamento teórico na temática da avaliação educacional e na forma como a mesma está sendo compreendida nas diferentes esferas da sociedade. Pois a avaliação é frequentemente relacionada à questão da qualidade.

Para isso buscamos embasamento em autores que discutem tanto avaliação em larga escala, como avaliação da aprendizagem e institucional. Valendo destacar as seguintes leituras: Fernandes (2008); Esteban (1999 e 2008); Franco & Fernandes & Bonamino (2000); Freitas (2005 e 2009); Franco (2001); Luckesi (2000); Hoffman (2005); e Perrenoud (1999).

Outros temas recorrentes, surgidos da trajetória de pesquisa e principalmente do contato com os textos jornalísticos, dizem respeito às políticas e discussões em torno da promoção automática, ciclos de escolaridade e fracasso-sucesso escolar, destacando-se Fernandes (2009, 2005 e 2001); e Arroyo (1992). Assim como a abordagem da lógica neoliberal e mercadológica em educação presente em Apple (2005 e 2003), Ball (2006) e que nos auxilia na compreensão do contexto das leis, reformas, planos e da macropolítica.

Em Bourdieu (1997, 2004 e 2010) e Ricardo Filho (2005) encontramos os conceitos de campo, campo educacional, campo jornalístico e rede de legitimidade, que nos guiaram a uma compreensão dos processos de constituição das narrativas sobre educação nos jornais e disputa do objeto "educação de qualidade".

Por fim, vale destacar os estudos sobre a metodologia de análise de conteúdo, que articulados com nossas tentativas de realizar as análises nos possibilitou um entendimento maior dessa metodologia. Sendo Franco (2005); Lage & Freitas & Acurcio (2010); Barbosa (2004); Santos & Soares & Fontour (2004); e Bardin (2010).

### **Coleta de dados**

Em paralelo, foram coletados materiais de jornais que expressam concepções de qualidade na educação e abordam o tema avaliação, como aqueles que trazem discussões sobre os grandes exames da educação básica.

Para tal, foi feito o seguinte recorte metodológico: a pesquisa foi realizada nos jornais *O Globo* e *O Dia*, de considerável circulação na cidade do Rio de Janeiro, e que possuem público diferenciado, na medida em que têm preços e linguagens distintas. As características desses dois jornais nos permitiu coletar dados significativos, tanto quantitativamente quanto qualitativamente, ou seja, entendemos que a partir das análises das notícias e reportagens desses dois jornais, conseguiríamos captar de forma mais abrangente as concepções de qualidade veiculadas pela mídia impressa, formadora de opinião pública. O material foi coletado em jornais publicados a no ano de 2009. Para coleta desses textos recorreremos ao banco de dados, disponível na internet, dos jornais *O Globo* e *O Dia*.

### **Análise de conteúdo**

Para a análise desse material adotamos a metodologia denominada análise de conteúdo, definida por Bardin como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (*apud* LAGE & FREITAS & ACURCIO, 2010, p.135).

Utilizamos a metodologia de análise de conteúdo para compreender a forma como os textos jornalísticos coletados abordam a qualidade e avaliação da educação durante o período pesquisado. Buscando perceber as formas como os temas em pauta se manifestam e se articulam a outras questões.

### **Delimitação do *corpus* de análise e leitura “flutuante”**

Para compor nossa análise, escolhemos reportagens do ano de 2009 que trazem notícias que, de alguma forma, se relacionam aos temas avaliação, qualidade da educação e rede municipal de educação do Rio de Janeiro. E delimitamos o uso de dados provenientes das seguintes palavras-chave: Prova Rio; IDE-Rio; Rede municipal de educação; Claudia Costin; e Secretaria Municipal de Educação.

Justificamos essa escolha pela configuração de um novo cenário na educação do município do Rio de Janeiro no ano de 2009, caracterizado pelo início da gestão de Eduardo Paes, na prefeitura, e Claudia Costin, na secretaria de educação. Além disso, durante esse ano inteiro foram anunciadas e comentadas nos jornais várias medidas que teriam como objetivo principal a “melhoria da qualidade da educação” do município, sendo possível notar que, uma parte considerável dessas medidas estavam no campo da avaliação ou se justificavam pela necessidade de melhoria do desempenho em grandes exames.

Delimitado o *corpus*, realizamos a leitura “flutuante” do material. Estabelecendo o primeiro contato com as reportagens e construindo nossas primeiras impressões acerca dos assuntos, momento que nos deixamos *invadir por impressões e orientações* (BARDIN, 2010, p.122) a serem posteriormente trabalhadas por meio de procedimentos sistemáticos.

Chegamos então, a um total de 44 matérias, 18 do jornal *O Dia* e 26 do *O Globo*. Desse total, após a leitura “flutuante”, eliminamos 17 textos que não possuíam informações relevantes para os nossos objetivos ou que não abordavam diretamente o tema das políticas de avaliação, no final dessa etapa

restaram 27 textos, 12 do jornal *O Dia* e 15 do *O Globo* que formaram nosso *corpus* de análise.

### **Formulação de hipóteses e questionamentos**

Nesta etapa de nossa análise, após a leitura flutuante, delimitação do *corpus* e estabelecimento das primeiras impressões sobre o assunto foi possível criar algumas hipóteses, a saber: (a) é forte a presença das concepções de qualidade que privilegiam os resultados em grandes exames externos como referência; (b) nenhuma das concepções de ideal educacional presentes nesses materiais rompem com a lógica mercantilista neoliberal; (c) o conceito de avaliação quantitativa e classificatória é predominante nas páginas dos jornais; e (d) pouco espaço é destinado às discussões e avanços de pesquisas acadêmicas.

Surgem também questionamentos que guiarão a análise de conteúdo em busca de caminhos para a compreensão de questões como: Quais as concepções de educação de qualidade estão presentes? Quais as concepções de avaliação são observadas? Quem são os sujeitos chamados a depor sobre as questões em pauta? E quais as consequências apontadas para a “má”<sup>2</sup> qualidade?

### **Definição de unidades e categorias de análise**

Essa talvez seja a etapa mais trabalhosa de nossa análise de conteúdo. Implica em um constante processo de retorno da teoria aos dados coletados, e vice versa, processo complexo de transformação dos dados em categorias temáticas de análise. Tendo como referencial os princípios: de *exaustividade*, todo o conteúdo do *corpus* deve caber nas categorias; *exclusão mútua*, as unidades de análise devem se enquadrar em somente uma categoria;

---

<sup>2</sup> Na leitura flutuante percebemos que os sistemas de ensino brasileiros são considerados de “má” qualidade, cabendo discutir quais são os referenciais que embasam essas afirmações.



*homogeneidade*, seguir um único critério de classificação; e *consistência*, clareza na definição dos critérios (SANTOS & SOARES & FONTOUR, 2004).

Após a delimitação do *corpus*, realização da leitura flutuante, formulação de hipóteses e questionamentos, e antes de estabelecer categorias de análise, era preciso discriminar nossas unidades de análise. Sobre isso Santos & Soares & Fontoura (2004) argumentam *que esta trata-se do elemento unitário de conteúdo a ser submetido à posterior classificação. Definidas pelo pesquisador, as unidades de análise podem ser palavras, frases, temas ou mesmo documentos integralmente (p.4).*

Além disso, as unidades de análise se dividem em unidades de registro e unidades de contexto. Sendo que as unidades de registro se caracterizam como *a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas (FRANCO, 2005, p.37).* No nosso caso, são do tipo temático, ou seja podem ser *uma simples sentença (sujeito e predicado), um conjunto delas ou um parágrafo (idem, p.39).*

Já as unidades de contexto auxiliam e significam as unidades de registro. São úteis na reflexão sobre o conteúdo dispensando a necessidade de retornar frequentemente à reportagem de onde o trecho foi extraído. Além disso, é essencial para uma interpretação com o máximo de fidedignidade do conteúdo possível. *Isto pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema (FRANCO apud BARDIN, 2005, p.107).*

Assim, extraímos do corpo dos textos as unidades necessárias para a categorização (anexo 1).

Vale destacar que de muitas matérias retiramos mais de uma unidade de registro, pois o texto jornalístico muitas vezes evoca o mesmo conteúdo em reportagens distintas e em um mesmo texto apresenta diversas concepções e características, complementares ou antagônicas.

Observando todas essas questões, nossos questionamentos e objetivos, definimos as categorias temáticas.

Por sua vez, a *categorização* consiste em agrupar dados de acordo com a similitude que apresentam. Os critérios desta semelhança podem ser semânticos, o que origina categorias temáticas, sintáticos, definindo as categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos e outros. A categorização pode fundamentar-se ainda em critérios

léxicos, entretanto, a categorização deve fundamentar-se em apenas um destes critérios. As categorias são o produto de um esforço de síntese, no qual extraem-se de uma mensagem seus aspectos mais importantes. As categorias podem ser definidas *a priori* ou surgir a partir dos dados (SANTOS & SOARES & FONTOURA, 2004, p.4).

Estas se dividem primeiramente pela finalidade da mensagem. Seja de expressar alguma (1) **concepção de qualidade da educação**, estabelecer (2) **estratégias** ou de expor (3) **justificativas pela “má” qualidade**.

Como pode ser visto na tabela 1, na categoria (1) concepções de qualidade da educação há ainda a seguinte subdivisão: (1.1) resultados em grandes exames, índices e indicadores e (1.2) eficiência e gerenciamento.

A categoria (2) - estratégias para alcançar a qualidade da educação -, tem ainda as subcategorias (2.1) parcerias com entidades do 3º setor e outras instituições privadas, (2.2) instituição de um sistema integrado de ensino, (2.3) meritocracia, sistema de bônus e premiação e (2.4) provas externas.

Por fim, a categoria (3) - justificativas pela “má” qualidade -, é compreendida com os itens (3.1) aprovação automática e falta de prova e (3.2) infraestrutura, déficit de professores e violência<sup>3</sup>.

**Tabela 1 – Categorias de análise**

| <b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>   | <b>Unidades de registro<sup>1</sup></b> |
|--|---|
| <b>1) Concepções de qualidade da educação:</b>                           | <b>12<sup>2</sup></b>                   |
| 1.1 - Resultados em grandes exames, índices e indicadores                | 8                                       |
| 1.2 - Eficiência e gerenciamento   | 4                                       |
| <b>2) Estratégias para alcançar a qualidade da educação:</b>             | <b>34</b>                               |
| 2.1 - Parcerias com entidades do 3º setor e outras instituições privadas | 9                                       |
| 2.2 - Instituição de um sistema integrado de ensino                      | 1                                       |
| 2.3 - Meritocracia, sistema de bônus e premiação                         | 7                                       |
| 2.4 - Provas externas  | 17                                      |
| <b>3) Justificativas para a “má” qualidade:</b>                          | <b>8</b>                                |
| 3.1 - Aprovação automática e falta de prova                              | 6                                       |
| 3.2 - Infraestrutura, déficit de professores e violência                 | 2                                       |

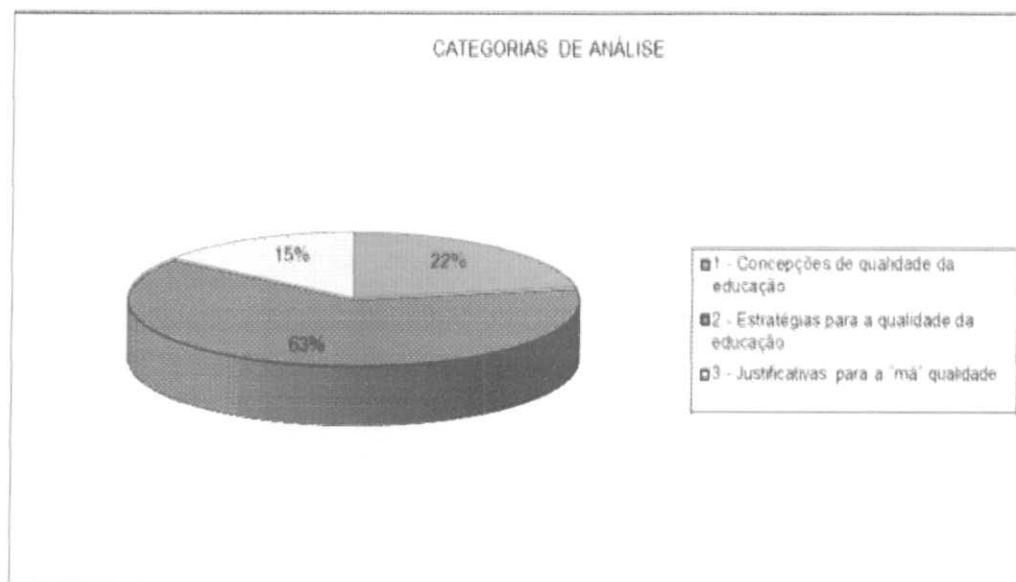
<sup>1</sup> Quantidade de unidades de registro.

<sup>2</sup> Este número é a soma da quantidade de Unidades de registro do item 1.1 e 1.2.

<sup>3</sup> A organização das unidades de registro em categorias pode ser encontrada no anexo 2 deste trabalho.

Fez-se necessário ainda, para facilitar a visualização e interpretação dos dados, realizar uma sistematização das unidades de análise no gráfico abaixo. Criando um panorama geral das características das mensagens.

**Gráfico 1 – Categorias de análise**



Apesar do caráter qualitativo de nossa pesquisa, o gráfico acima nos revela uma forte característica dos textos jornalísticos analisados. Como pode ser observado, foi destinado um grande espaço para as estratégias e ações que devem ser realizadas para alcançar a qualidade almejada. Entretanto, a discussão do conceito de qualidade encontra um espaço reduzido, justamente porque é apresentado como universal, um conjunto de “vozes” uníssonas.

A última etapa da análise de conteúdo é a interpretação dos dados já organizados em categorias que iremos apresentar ao longo do capítulo 4.

## Capítulo 2 – Jornalismo e educação

Já justificamos a escolha destes veículos de comunicação pela sua atual importância na veiculação de notícias sobre educação no Rio de Janeiro. Nesta seção iremos abordar brevemente alguns fatos históricos que envolvem os jornais e nos ajudam a compreender o objeto de pesquisa.

O *Globo* foi fundado em 1925 por Irineu Marinho, enquanto *O Dia* teve seu início em 1951 tendo como fundador o Deputado Chagas Freire. Entretanto, mesmo com 26 anos de história separando a fundação desses dois jornais, foi só nos anos 1970 que se firmam como dois dos três maiores da imprensa carioca, sendo o outro *Jornal do Brasil*.

Ao final da década de 1970, o mercado jornalístico carioca está reduzido a três grandes jornais – *O Globo*, *O Dia* e *Jornal do Brasil* – que, juntos, monopolizam quase 90% dos leitores. Isso terá consequências no aspecto financeiro e patrimonial dos jornais (BARBOSA, 2007, p.209).

Em resumo, na década supracitada houve uma redução brusca do número de jornais que circulavam diariamente na cidade do Rio de Janeiro, veículos tradicionais e importantes foram fechados como o *Correio da manhã* (1901-1974), o *Diário de Notícias* (1930-1976), *Diário Carioca* (1928-1965) e *O Jornal* (1919-1974) e outros como *Última Hora* entraram em decadência neste período (idem).

Barbosa (2007) em sua *História cultural da Imprensa* afirma que em 1979 *O Globo* passa a ser incontestavelmente o líder de tiragem *ultrapassando a marca dos 400 mil exemplares diários, na edição de 11 de novembro de 1979* (p.198). Esse crescimento é atribuído a diversos fatores como o realinhamento do público dos jornais que acabaram e reformas tecnológicas e editoriais.

Nessa época o jornal moderniza o processo de produção com a adoção da impressão *off-set* e a decisão de circular aos domingos, disputando um espaço que até então era do *Jornal do Brasil*. *O Globo* também foi pioneiro ao criar uma editoria de Economia e gradativamente foi acabando com a *reportagem de polícia* e passando os assuntos para a *reportagem geral* (idem, p.212). Posição completamente diferente da adotada pelo *O Dia*.

*O Dia*, que também garante crescimento excepcional nesta década, tramita por outro caminho. Este é caracterizado no campo do jornalismo de sensações que já estava em voga desde o final do século XIX, entretanto possui um diferencial, pois:

Continua apelando a conteúdos e formatos narrativos que fazem parte do universo do público desde o final do século XIX, mas constrói naquele momento uma ruptura: a inclusão de outros temas do cotidiano dos leitores que têm apelo de natureza política (idem, p.213).

Já nesta época, o jornal era voltado para um público diferente do *O Globo* pois:

Atinge, sobretudo, os grupos de menor poder aquisitivo e tem enorme força como veículo de propaganda política, sendo instrumento importante do chamado "populismo de direita". Segundo o *Anuário Brasileiro de Imprensa* (1953), a receita do seu êxito era simples: 70% de notícias de crime e polícia, 20% de política e reivindicações operárias e 10% de esportes e divertimentos (idem, p.214).

Além de garantir boas vendas, o jornal liderado por Chagas Freitas, era também uma força eleitoreira voltada para um público *mais propenso a seguir o comando daquela corrente que o jornal representava* (p.218). Diferente dos seus concorrentes *O Globo* e *Jornal do Brasil*.

No processo de concentração gerado pelo fechamento dos jornais já citados, *O Dia* cresceu ganhou o status de único jornal popular da cidade após o fim das operações de *A notícia*. Aumentando sua tiragem diária para mais de 400 mil exemplares no final da década de 1970.

Os diferentes posicionamentos dos dois jornais neste período auxiliam na compreensão da constituição de cada um atualmente. É evidente que muitas mudanças ocorreram até os tempos atuais, como a venda de *O Dia* ao grupo Arca em 1983, assim como, a evolução das tecnologias de comunicação e a ascensão do jornalismo digital.

Sendo impossível no espaço deste trabalho monográfico realizar essas análises históricas com o mesmo grau de precisão que Marialva Barbosa (2007) realiza na obra supracitada, além de não fazer parte de nossos objetivos,

propomos a realização de um pequeno quadro comparativo das características e abordagens de cada jornal que compõe nosso *corpus* de análise.

### **Principais diferenças entre os dois jornais**

Comparando as matérias do *corpus* podemos identificar algumas diferenças, por vezes sutis, entre os dois veículos de imprensa. Não sendo o foco principal de nosso estudo, o quadro comparativo que construiremos a seguir tem o objetivo de auxiliar o entendimento dos resultados da análise de conteúdo. Também é importante recordar que nesse estudo não consideramos características gráficas das reportagens.

O primeiro marco de diferença estilística que podemos evocar é relativo ao espaço que cada reportagem ocupa na edição. Comparando matérias dos dois jornais sobre o mesmo assunto é possível afirmar que as reportagens de *O Dia* utilizam muito mais palavras para noticiar o mesmo fato.

Para exemplificar comparamos duas reportagens abordando o resultado da prova que aferiu a quantidade de “analfabetos funcionais” da rede municipal de educação. O assunto que foi noticiado com cento e setenta e quatro (174) palavras no *O Globo* foi publicado com quatrocentos e quarenta e duas (442) em *O Dia*. Já quando o resultado do simulado realizado antes da Prova Brasil foi divulgado, *O Globo* disponibilizou um espaço de duzentas e setenta e oito (278) palavras enquanto *O Dia* publicou um texto de quatrocentas e oitenta e cinco (485).

Ou seja, observam-se marcas da posição de cada jornal no campo jornalístico, *O Globo* identificado com o jornalismo de objetividade e *O Dia* com o de sensações. Faz-se necessário uma maior fragmentação e sintetização para a objetividade, e isso se traduz na redução do espaço dedicado a cada assunto. Já em *O Dia* apesar da veemente descontextualização característica dos jornais há a preocupação em reproduzir sensações e aproximar-se ao leitor, o que talvez ajude a explicar o maior espaço atribuído para os assuntos.

Outra comparação importante a ser realizada diz respeito aos agentes que têm “voz” nesses textos. Para isso consideramos as citações diretas de pessoas que discursam sobre a educação nesses jornais. No geral podemos afirmar que *O Globo* utiliza menos citações (24) em contraposição ao *O Dia*

(38). Nos dois jornais há predominância do discurso oficial do governo, porém em *O Dia* encontramos maior diversidade de agentes (como diretores de escolas, professores, uma merendeira, acadêmicos e até uma atriz e um cineasta) que não foram encontrados no outro jornal, como consta no quadro abaixo.

**Tabela 2 – Citações diretas nos jornais**

|  | <i>O Globo</i> | <i>O Dia</i> |
|--|----------------|--------------|
| <b>Governo</b>   | 11             | 14           |
| Estudantes   | 3              | 5            |
| <b>Diretores</b>                                       | 0              | 8            |
| Representante da sociedade civil organizada (3º setor) | 2              | 2            |
| <b>Pais de alunos</b>                                  | 2              | 1            |
| Sem citação  | 3              | 0            |
| <b>Vereadores</b>                                      | 2              | 0            |
| Sindicato de professores                               | 1              | 1            |
| <b>Professores</b>                                     | 0              | 2            |
| Acadêmicos   | 0              | 2            |
| <b>Merendeiras</b>                                     | 0              | 1            |

Observamos também outras marcas das notícias de *O Dia* como a evocação de fatos noticiados anteriormente e aglutinação de diversos assuntos em uma matéria. Para exemplificar transcrevemos o seguinte texto *O Sepe já havia divergido da secretária sobre o peso da prova bimestral ao longo do ano, além dos testes aplicados pelos mestres Cláudia queria que a prova bimestral, também elaborada pelo instituto, tivesse peso 2 na avaliação* (*O Dia* – ed – 20/03/2009). Características que, em certa medida, explicam as diferenças entre os espaços ocupados pelas notícias em cada jornal.

Por fim, a última marca estilística a se destacar é a utilização de narrativas que simulam a experiência de vida do público. Como no seguinte trecho:

Entro na sala de reafabetização na Escola Leila Barcelos, na Cidade de Deus, e pergunto às crianças, na faixa de 12 anos, dos seus sonhos. “Quero ser médica”, diz uma menina. “Há um mês, não sabia ler nem escrever. Foi ela que me ensinou”, emenda, apontando para a professora, que começa a chorar (*O Dia* – ed – 20/07/2009).

Tomando por base essa análise, fica evidente que os posicionamentos dos dois jornais na década de 1970 ainda são visíveis. Mesmo com modificações editoriais *O Dia* que era um jornal:

mais de crimes do que é hoje [1998] – não deixou de ser até hoje, mas agora é um jornal mais bem-feito. Eram crimes em larga escala. É preciso ver que a notícia do crime, do conflito, da violência urbana, da violência humana, tem um apelo muito forte junto ao povão (BARBOSA, 2007, p.218).

Ou seja, as marcas que identificamos desse jornal ainda estão no universo do jornalismo de sensações que tenta se aproximar do cotidiano do leitor. Nesses textos os estudantes, professores, diretores e até uma merendeira estão discursando sobre educação, mesmo que o discurso oficial do governo seja predominante. Por isso é necessário um espaço maior para criar essas sensações com notícias um pouco menos fragmentadas e narrativas que simulam a experiência de vida do leitor.

Em *O Globo* vemos um jornalismo mais objetivo, que hesita em chamar para “falar” os diferentes agentes. Se limitando a um universo mais restrito de personagens mesmo quando o fato “pede” a participação de outros. Como no caso da matéria “Professores não vão corrigir provão da rede municipal, diz sindicato” de 19/03/2009 que cita somente discursos da secretária de educação, se abstendo de emitir uma fala de um representante do sindicato.

A menor quantidade de palavras empregadas nas matérias também se explica pela precisão e concisão do estilo jornalístico pois:

Uma consequência da precisão é a concisão; o melhor modo de ser preciso é ser conciso, empregando o menor número de palavras, as quais devem ser as mais adequadas. Além disso, o estilo jornalístico exige clareza de idéias, separando no fato objetivo o que é essencial do que é accidental (PRETTO, 2009, p.2).

Trazendo essa discussão não intencionamos situar os jornais em diferentes campos políticos, pois não existem grandes divergências entre os conteúdos e orientações políticas dos mesmos. As diferenças apontadas, entre posicionamentos históricos e estilos, tem a finalidade de nos ajudar a compreender as abordagens de cada um.



## O lugar da educação nos jornais

Após essa breve consideração acerca da história e característica dos dois jornais estudados, intencionamos discutir sobre a importância dos temas do universo da educação nos jornais, pois no ano de 2009 a imprensa do município do Rio de Janeiro deu considerável ênfase ao tema avaliação educacional. Seguindo assim uma tendência maior, pois a educação vem ganhando espaço exponencialmente nos jornais desde a década de 90.

A Pesquisa ANDI<sup>4</sup> - Infância na Mídia *revela o crescimento do número de reportagens na área de educação. O tema, em oitavo lugar na primeira Pesquisa ANDI [realizada em abril de 1996], chega ao terceiro lugar nessa pesquisa que cobre o segundo semestre de 1997 (p.15).* Vale lembrar que a pesquisa se refere aos temas relativos à infância e adolescência, e por isso exclui as matérias sobre ensino superior. Essa evolução pode ser observada na tabela 3.

Tabela 3 – Evolução do tema educação nos jornais

|     | Abr. a<br>jun./96      | Jul. a<br>set./96  | Out. a<br>dez./96  | Jan. a<br>mar./97  | Abr. a<br>jun./97  | Jul. a<br>dez.97   |
|-----|------------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| 11º | Exploração Sexual      | Direitos e Justiça | Saúde e Nutrição   | Direitos e Justiça | Violência          | Direitos e Justiça |
| 22º | Violência              | Saúde e Nutrição   | Direitos e Justiça | Violência          | Direitos e Justiça | Violência          |
| 33º | Direitos e Justiça     | Políticas Públicas | Violência          | Exploração Sexual  | Exploração Sexual  | <b>Educação</b>    |
| 44º | Saúde e Nutrição       | Exploração Sexual  | Políticas Públicas | Saúde e Nutrição   | <b>Educação</b>    |                    |
| 55º | Políticas Públicas     | Violência          | <b>Educação</b>    | <b>Educação</b>    |                    |                    |
| 66º | Trabalho               | <b>Educação</b>    |                    |                    |                    |                    |
| 77º | Crianças desaparecidas |                    |                    |                    |                    |                    |
| 88º | <b>Educação</b>        |                    |                    |                    |                    |                    |

(ANDI, 1997)

Essa pesquisa contabilizou as inserções, sem considerar a centimetragem. Analisou 8.998 matérias dos 25 jornais considerados mais

<sup>4</sup> Agência Nacional de Direitos da Infância.

atuantes em todo o Brasil, inclusive o *O Globo* e *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro que estão entre os seis mais atuantes.

Mais recentemente Gadotti (2007) baseia-se em outra pesquisa da ANDI a Educação na imprensa brasileira de 2005, para dissertar que:

“é preciso reconhecer que a educação ganhou a pauta da imprensa. É isso que mais nos interessa discutir, pois se constitui, para mim em um grande avanço, mesmo continuando a fragmentação, a descontextualização e a descontinuidade nas matérias divulgadas pela mídia sobre a educação”(p.28).

Essa pesquisa realizada em parceria com o MEC e UNESCO analisou quanti-qualitativamente 5.362 textos jornalísticos que abordavam a educação como tema central (3.976) ou secundário (1.386) e monitorou 50 jornais no período de 1999 a 2002, sendo em média, dois de cada unidade federativa. Em consonância com a pesquisa anterior, esta aponta que o crescimento quantitativo das notícias sobre educação foi de 140%.

Além do crescimento do tema “educação”, o tema “avaliação” ganha centralidade na mídia nos últimos anos, principalmente com a criação de índices e provas municipais, estaduais, nacionais e internacionais, para avaliar as redes, escolas, alunos e funcionários, e a criação e divulgação de *rankings* para classificar as redes, instituições e sujeitos envolvidos.

Se nos remetermos novamente à pesquisa Educação na Mídia Brasileira (ANDI, 2005), vemos que a avaliação figura entre os temas mais abordados quando o assunto é ensino fundamental, ensino médio e ensino superior (graduação e pós-graduação).

“O pontapé inicial para que a educação vá para as páginas dos jornais deve ser tributado aos espaços oficiais. Anúncios de novas medidas, de resultados de políticas, de avaliações oficiais [grifo nosso] e de respostas do poder público a demandas anteriores correspondem a 40% das razões que fazem um determinado assunto chegar à pauta da imprensa” (p.173).

Esses resultados corroboram com nossas impressões ao analisar o *corpus*, na medida em que ressalta o papel fundamental que a avaliação

desempenha nesse contexto. Pois apesar da presente pesquisa ser fundamentalmente qualitativa, foi possível perceber a predominância quantitativa dos temas do universo da avaliação.

Nos textos analisados, a avaliação é encontrada de diversas maneiras e assume funções características do debate educacional do senso comum no momento. Por exemplo, as matérias jornalísticas incorporam as confusões entre avaliação e prova, a esfera da avaliação institucional se mescla de maneira simplista à avaliação da aprendizagem de conteúdos escolares, e os exames de larga escala, assim como os *rankings*, cada vez mais adquirem espaço para justificar a implementação de ações educacionais e posturas adotadas por gestores e redes de ensino.

Só no Rio de Janeiro as seguintes provas foram assunto do debate na mídia no ano de 2009: (1) prova de língua portuguesa elaborada pelo Instituto Ayrton Senna (que revelou os índices de analfabetos funcionais e alunos considerados com necessidade de reforço escolar); (2) provas bimestrais da SME-RJ (instituídas pela resolução nº 1.014 e que serviram de base para parte da nota do boletim dos alunos); (3) Prova-Rio; (4) simulado para Prova Brasil; (5) Prova Brasil; e (6) Provinha Brasil.

### Capítulo 3 – A pauta dos jornais em 2009

Para compreender as questões em pauta e possibilitar uma melhor análise dos resultados encontrados, consideramos relevante realizar um histórico do ano de 2009 tendo como fonte as reportagens coletadas e alguns documentos complementares, como portarias e decretos da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ). Neste capítulo, tentamos narrar as ações mais importantes noticiadas em 2009 que tiveram influência direta na educação do município.

#### Implementação do primeiro ciclo de formação

Antes de tratar propriamente dos acontecimentos de 2009, se faz necessário trazer para a discussão uma contextualização acerca da implementação do ciclo de alfabetização no Rio de Janeiro nove anos antes, ainda na gestão do prefeito Luiz Paulo Conde.

Para isso optamos por recorrer à pesquisa de doutorado de Fetzner (2007) que disserta sobre a implementação do Ciclo de Formação no município do Rio de Janeiro no ano de 2000. Ação formalizada na seguinte carta emitida pela SME-RJ.

No ano 2000, o 1º Ciclo de Formação já é uma realidade. Com ele objetivamos consolidar o processo de aquisição da leitura e da escrita, os conceitos básicos matemáticos, a compreensão da realidade social e do mundo natural, das artes, da cultura e das ciências. Desta forma, um tempo mais elástico e mais plástico vai permitir a todos os alunos a continuidade de seu processo de desenvolvimento, em sua diversidade, singularidade e diferentes ritmos. (Carta aos professores, Secretária Municipal de Educação, Carmem Moura, Apresentação do Documento, 2000).

Nesse ano, o município do Rio de Janeiro, apresentava 1.054 escolas de ensino fundamental e, aproximadamente 37 mil professores e 748 mil alunos (fonte: site da SME/RJ, [www.rio.rj.gov.br/sme/index.php](http://www.rio.rj.gov.br/sme/index.php)), quando implementou o primeiro ciclo de formação, abrangendo os três primeiros anos do ensino fundamental (crianças entre 6 e 8 anos).

Tais estudos mostram que até 2009, o município do Rio de Janeiro manteve-se na mesma orientação política geral, e que a Secretaria de Educação, em 2007, estendeu os ciclos para o conjunto do ensino fundamental. O decreto que tratou da avaliação, neste período (DECRETO 28.878, DE 17/12/2007), foi entendido pelo senso comum como “aprovação automática” e provocou grande polêmica na sociedade com repercussões na mídia, sendo o foco em vários debates nas eleições municipais de 2008 (FETZNER, 2007).

### **Mudança de gestão**

Ao ser eleito para a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes decretou o fim da chamada aprovação automática<sup>5</sup> e revogou o decreto 28.878, de 17/12/2007 (que ampliava os ciclos para todo o ensino fundamental), conservando a escolaridade organizada em ciclos somente nos três primeiros anos do ensino fundamental, vale lembrar que esse decreto vigorou durante pouco mais de um ano.

Para ocupar a cadeira de secretária de educação Eduardo Paes anunciou a administradora Claudia Costin<sup>6</sup> que ao escrever sobre sua expectativa em assumir o cargo declarou que seu desafio seria promover a qualidade da educação do município. Nesse mesmo texto, ao falar sobre o sistema de ciclos, afirmou que *[os ciclos] só funcionam se houver uma avaliação firme de cada etapa. Assim, devemos implantar programas de recuperação intensiva de aprendizagem em todas as séries, voltar a ter provas e boletins enviados a cada bimestre aos pais, para permitir maior participação na vida escolar deles* (COSTIN, 2009, web).

### **Primeiras ações**

Com revogação do decreto 28.878 de 17/12/2007 ficou a cargo da secretaria de educação definir em no máximo 15 dias o novo sistema de

<sup>5</sup> Algumas vezes utilizaremos o termo “aprovação automática” por ser a forma como os jornais se referem à política de ciclos implementada no Rio de Janeiro. Compreendemos a diferença entre ciclos e aprovação automática e discutiremos melhor o assunto posteriormente.

<sup>6</sup> Claudia Maria Costin nasceu em São Paulo e tem 54 anos, em sua carreira política exerceu a função de ministra da Reforma do Estado no governo de Fernando Henrique Cardoso e de secretária de cultura de São Paulo na gestão do governador Geraldo Alckmin. Além disso, foi vice-presidente da Fundação Victor Civita do Grupo Abril.

aprovação para o período letivo de 2009. Como o decreto revogado se refere à ampliação do sistema de ciclos para todo ensino fundamental, o ciclo de alfabetização foi mantido. E isso gerou certa polêmica na mídia carioca.

Em entrevista, a secretária de educação foi questionada sobre o assunto, pois o compromisso da campanha de Eduardo Paes era de acabar com a “aprovação automática”. A esse questionamento encontramos a seguinte resposta:

Ele [o aluno] pode repetir a qualquer momento, a partir do final do primeiro ciclo. É simplesmente a alfabetização. Ou seja, é uma criança de 6, 7 ou 8 anos que, convenhamos, não repete nessa idade, porque não se esforça. Ela não aprende, porque crianças aprendem em ritmos diferentes (O Globo – ed - 27/01/2009).

São evidentes as incoerências desse depoimento, tanto com relação a outras declarações da secretária, como com toda pesquisa acadêmica no campo da educação que tem se desenvolvido.

Por exemplo, dizer nesse contexto que crianças de 6, 7 ou 8 anos precisam de um ciclo de alfabetização porque aprendem em ritmos diferentes, é como defender que, diferentemente, nos outros anos do ensino fundamental (onde os ciclos foram suprimidos pela política dessa gestão) as crianças aprendem conteúdos padronizados em ritmos iguais. E quando não aprendem são culpadas por não terem despendido esforços suficientes.

Como reflexo dessa tentativa de romper com a política partidária do governo anterior foi possível observar, já nos primeiros meses de gestão, a ênfase que mídia deu às ações da SME-RJ.

A adesão ao movimento Todos pela Educação, está entre as primeiras ações noticiadas no ano de 2009. Em matéria de 15/01/2009 o jornal *O Globo* divulga a assinatura do termo de adesão ao movimento, sendo o Rio de Janeiro a primeira capital a se integrar formalmente.

Conforme dados do site oficial do movimento<sup>7</sup>, ele é composto por *representantes da sociedade civil, educadores, organizações sociais, iniciativa*

<sup>7</sup> <http://www.todospelaeducacao.org.br/QuemSomos.aspx>

*privada e gestores públicos de Educação [e] tem como objetivo contribuir para que o País consiga garantir Educação de qualidade para todos os brasileiros.*

Ainda nesse âmbito, vale destacar a participação do prefeito Eduardo Paes e da secretária Claudia Costin na primeira reunião de outra entidade com objetivos parecidos, o Parceiros da Educação Carioca. Participação esta que foi noticiada em 04/03/2009 no jornal *O Dia*.

O Parceiros da Educação Carioca é caracterizado como um conselho da sociedade civil com vinte e duas pessoas em sua composição, entre elas o ex-prefeito Israel Klabin, o professor da FGV Marcelo Neri, o escritor Simon Schwartzman, o consultor da Cesgranrio Rubem Klein, os economistas Maria Silvia Bastos e André Urani, e o diretor da TV Globo Luís Erlanger (*O Globo – ed - 07/03/2009*).

Há de se notar a ausência de educadores e pesquisadores da área da educação ligados a universidade, pois a própria composição do conselho nos dá pistas para compreender qual é o ideal educacional que está por trás do apregoado objetivo de “garantir a qualidade da educação”. Os conselheiros, que desde março de 2009 se reúnem uma vez por mês, têm acesso aos dados da SME-RJ e segundo a própria Claudia Costin *serão os fiscais da melhoria da qualidade do nosso ensino público* (*O Globo – ed - 04/03/2009*).

A assinatura do termo de adesão do Todos pela Educação e a participação na reunião dos Parceiros da Educação Carioca expressam muito além do compromisso da SME-RJ com as metas e objetivos desses movimentos<sup>8</sup>, demonstra qual é a concepção de educação de qualidade que a secretaria baliza suas ações que iremos discutir mais detalhadamente adiante.

Esse ideal educacional, que se esconde nas entrelinhas do discurso consensualizador da qualidade, se confirma em outras ações implementadas no ano de 2009, como as que iremos abordar ao longo deste texto. Em suma, a cobrança por qualidade se traduz no cumprimento de metas que estão no campo da melhoria quantitativa de índices e indicadores nacionais, articulada com a exigência de eficiência nos sistemas de ensino.

---

<sup>8</sup> As metas do Todos pela Educação são: toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola; toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos; todo aluno com aprendizado adequado à sua série; todo jovem com o Ensino Médio concluído até os 19 anos e; investimento em Educação ampliado e bem gerido.

Caracterizando eficiência como *desempenhar tarefas de maneira racional, otimizando a relação dos recursos despendidos com resultados alcançados e obedecendo às normas e aos regulamentos aplicáveis* (FERREIRA, 2006, p.21).

Ainda nesses primeiros meses, políticas voltadas para as escolas consideradas em área de risco<sup>9</sup> foram evidenciadas nos impressos jornalísticos.

Entre elas podemos citar o recrutamento de mães para realização de monitoria, formação de uma comissão com organizações não governamentais para criação projetos para essas áreas e a incorporação de bônus salarial para educadores de escolas que atingirem metas.

Como nesse momento voltamos nosso olhar para as políticas de avaliação, é importante destacar que a justificativa para implementação dessas medidas nas escolas é justamente o baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) das mesmas.

A preocupação da secretária com os colégios em áreas de risco - existem 200 unidades na cidade do Rio, onde estudam cerca de cem mil alunos - não é à toa. Uma pesquisa inédita realizada pelo Observatório de Metrópoles da UFRJ, com o apoio da Faperj, mostra que as escolas situadas em favelas puxam para baixo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) no Rio de Janeiro. Enquanto no asfalto 35% das unidades apresentaram rendimento considerado baixo pelos pesquisadores (média menor que 4,3), nas comunidades, a porcentagem quase dobra: 64% (*O Globo* – ed - 15/02/2009).

Nesse contexto, consideramos importante também explicitar que segundo o documento *SAEB: matrizes de referência*, publicado pelo Ministério da Educação, *o Ideb pretende ser o termômetro da qualidade da educação básica em todos os estados, municípios e escolas no Brasil* (BRASIL, 2008, p.4). E para constituição desse índice dois indicadores são considerados: o fluxo escolar e o desempenho dos alunos na Prova Brasil.

---

<sup>9</sup> Escolas municipais localizadas em áreas de constante conflito envolvendo policiais, traficantes de drogas e milicianos.



## **“Realfabetização” e reforço escolar**

No dia 4 de março de 2009, a SME-RJ instituiu avaliações externas sistemáticas aplicadas a cada dois meses (resolução SME-RJ 1.010/09). A partir do documento, uma prova única feita pela secretaria, passou a ser enviada às escolas bimestralmente, a fim de verificar a aprendizagem dos alunos.

Essa resolução causou polêmica entre os profissionais da educação que questionaram o peso 2 atribuído às avaliações feitas pela secretaria em detrimento de qualquer avaliação feita pelos professores que teria peso 1. Logo, a secretaria emitiu um novo documento, resolução 1014/09 suprimindo o Art.3º que atribuía peso maior às avaliações feitas pela Secretaria.

Em 10/03/09 foi realizada a prova da prefeitura que objetivava *identificar os alunos dos 4º, 5º e 6º anos do ensino fundamental que são analfabetos funcionais (alfabetizados, mas incapazes de ler ou compreender textos)* (*O Globo* – ed - 05/03/2009). A prova foi elaborada em parceria da SME-RJ com o Instituto Ayrton Senna. A mesma entidade, que posteriormente por meio do projeto “Se liga”, vendeu para a SME-RJ serviços e produtos como cartilhas, metodologia de alfabetização e treinamento para professores.

Uma semana depois o resultado do teste já havia sido divulgado e os jornais deram grande atenção ao número de estudantes, que segundo o exame, seriam analfabetos funcionais.

Nesse sentido, o jornal *O Globo* publicou no dia 17/03/2009 a manchete “Escolas públicas do Rio têm 25 mil analfabetos funcionais”, anunciando que a estimativa inicial do teste constatou que aproximadamente 14% do total de estudantes do 4º, 5º e 6º ano do ensino fundamental, se enquadravam nesse *status*. Vale destacar que se trata de 25 mil do universo de 210 mil alunos.

Outra matéria sobre o assunto, publicada no jornal *O Dia* em 20/03/09, demonstra que a maior parte desses alunos (11.078) estava no 6º ano, e parecendo buscar respostas simplistas para a questão, o jornal sintetizava a seguinte declaração da secretária Claudia Costin:

o desastre no 6º ano [...] é resultado da aprovação automática, implantada no governo César Maia. Os alunos passavam automaticamente nos 4º e 5º anos, mas

no 6º havia reprovação. “Houve represamento. Por isso, o analfabeto funcional ficava lá” (*O Dia* – ed - 20/03/2009).

Como consequência dos resultados apresentados nesta primeira prova, as crianças consideradas “analfabetas funcionais” passaram a ser “realfabetizadas” pelo projeto de “Se Liga” do Instituto Ayrton Senna. Para isso, elas eram retiradas de suas turmas nas aulas de educação física<sup>10</sup>.

Apenas nove dias após a realização dessa prova, todos os estudantes da rede, inclusive os do 4º, 5º e 6º anos que realizaram a última prova, foram submetidos a outros dois testes e a *mobilização para os exames foi batizada de Dia D* (*O Globo* – ed - 05/03/2009).

Um dos testes, também elaborado com o Instituto Ayrton Senna, incluiu somente conteúdos de língua portuguesa e matemática para estudantes do ensino fundamental a partir do 3º ano e visava identificar os alunos que precisavam de reforço escolar. O outro era a Provinha Brasil “avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças matriculadas no segundo ano de escolarização das escolas públicas brasileiras. Essa avaliação acontece em duas etapas, uma no início e a outra ao término do ano letivo”<sup>11</sup>.

Vale lembrar que para o chamado “Dia D” as escolas fizeram revisões de conteúdo desde 4 de fevereiro. O que significa que para realização dos exames a dinâmica escolar foi alterada tendo como objetivo a melhoria do desempenho nas provas, deixando de plano de fundo todas as outras questões que a escola precisaria trabalhar.

Nesse período as páginas dos jornais também noticiaram outra polêmica sobre esse assunto. O Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio (Sepe) declarou a decisão tomada em assembleia da entidade de não corrigir esse “Provão” como foi denominado o exame do Instituto Ayrton Senna para identificar a necessidade de reforço escolar.

A decisão da categoria na assembléia é uma prova clara de revolta que as últimas medidas da secretária municipal de educação, Claudia Costin, vem implementando na rede

<sup>10</sup> Na proposta essas crianças passariam a ter aulas de educação física no contraturno. Ver Resolução SME nº 1024, de 12 de maio de 2009.

<sup>11</sup> Site oficial da provinha Brasil:  
[http://provinhabrasil.inep.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30&Itemid=35](http://provinhabrasil.inep.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=30&Itemid=35)

de escolas do município – a maior rede municipal da América Latina. Os professores desaprovam os convênios que estão sendo criados pela SME com entidades privadas, como a Fundação Ayrton Senna e ONGs que interferem na autonomia pedagógica dos mestres e nos projetos das escolas (*O Globo* – ed - 19/03/2009).

No final de março foi anunciado o resultado oficial dos exames, da estimativa inicial de 25 mil analfabetos funcionais, que tanto alardearam os jornais, o número subiu para 28 mil. No caso dos estudantes que precisariam de reforço escolar, o teste constatou que do total de 460.453 alunos, do 3º ao 9º ano da rede municipal de ensino, cerca de 315 mil estariam precisando desse reforço. E de acordo com a matéria “Rio tem 315 mil alunos que precisam de reforço escolar, equivalente a 70% do total avaliado” publicada em 31/03/2009 no *O Globo os piores resultados ficaram nas 150 escolas localizadas em área de risco*.

Esses dados serviram para reforçar e legitimar as parcerias, que já vinham ocorrendo, da SME-RJ com organizações não governamentais, principalmente nas áreas consideradas de risco.

Para ajudar na compreensão desses dados, é importante ressaltar que os estudantes com necessidade de reforço escolar foram os que ficaram com conceito regular ou insuficiente na prova. Fora isso, não consta nos jornais mais detalhes sobre a metodologia e elaboração e correção da prova.

Essa reportagem se mostra coerente com a dinâmica que a mídia jornalística tem desempenhado nas matérias que compõem o *corpus* de análise dessa pesquisa, que após apresentar o problema busca apontar um culpado.

No caso o problema é o alto número de estudantes que “precisam” de reforço escolar e o culpado pode ser identificado no seguinte depoimento da coordenadora do Sepe, Maria Beatriz Lugão:

Acho que é resultado de anos de descaso, como falta de professores, estrutura e violência, como também da prática da aprovação automática. Eles (gestão passada) fizeram um sistema de ciclos que, na verdade, era uma aprovação automática. O sistema de ciclo é interessante, mas não da maneira como foi feito (*O Globo* – ed - 31/03/2009).

## Índice de desenvolvimento da educação carioca: simulados e premiações

No início do segundo semestre a preocupação com a Prova Brasil<sup>12</sup>, a ser aplicada de 19 a 30 de outubro, já se mostrava evidente e o jornal *O Globo* publica em 01/07/2009 uma notícia com a seguinte manchete “Escolas municipais do Rio terão simulado para preparar alunos para a Prova Brasil”.

A notícia divulga mais uma tentativa da SME-RJ de aumentar o desempenho dos estudantes na prova que gera o IDEB, a realização de um simulado dos conteúdos da Prova Brasil no dia 06/08/2009.

Em declaração Costin diz que *queremos saber a real situação de aprendizado da rede pública. Por isso, queremos que todos compareçam. Não adianta colocar os melhores para fazer a prova. Queremos melhorar a qualidade do ensino (O Globo – ed - 01/07/2009).*

Mais informações sobre o simulado voltaram a estampar os jornais aproximadamente após dois meses e meio, dessa vez já com a divulgação das notas. O resultado foi considerado positivo pela secretária de educação, porém com ressalvas, pois mesmo com melhora no 5º e 9º ano em matemática e no 5º ano em língua portuguesa, ainda haveria muito para melhorar.

Para explicar o baixo desempenho do 9º ano em língua portuguesa, Costin argumentou que *além de trabalharmos com textos maiores, os alunos de 9º ano acumularam déficit. Pegaram os efeitos da aprovação automática: foram sendo passados para frente com déficit de aprendizado (O Globo – ed - 16/09/2009).*

Sendo coerente com todas as outras declarações emitidas nas reportagens durante o ano, a secretária de educação, aponta mais uma vez a “aprovação automática” como culpada por esse déficit de aprendizado. O curioso é que se trata de estudantes do 9º ano que só viveram o sistema de “aprovação automática” durante o 8º ano. Todo o restante da vida escolar desses alunos foi permeado pelo sistema seriado e pela possibilidade de reprovação. Exceto no ciclo de alfabetização instituído em 2000 e que continuava em vigência.

---

<sup>12</sup> Exame nacional que engloba conteúdos de língua portuguesa e matemática, aplicado a estudantes do 5º ao 9º ano. Serve também como base para a elaboração do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Outra questão que consta nas reportagens desses primeiros meses do segundo semestre é o anúncio do plano que prevê a premiação para funcionários das escolas que aumentarem o desempenho na Prova Brasil de 2009, em comparação com a Prova Brasil de 2007. Os funcionários assíduos dessas instituições contariam com um bônus de um salário e, no caso das escolas em área de risco, um salário e meio.

Ainda na lógica da eficiência, o secretário da Casa Civil, Pedro Paulo, anunciou o projeto Choque de Resultados para as escolas, retratado na reportagem publicada no jornal *O Globo* "Município do Rio dará verba a colégios que cortarem gastos e salário extra a professores de turmas que melhorarem as notas" de 02/07/2009.

Mais uma política de avaliação anunciada oficialmente nesse período foi a criação do Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio de Janeiro (IDE-Rio). Esse índice será gerado pelo resultado da Prova-Rio que passará a acontecer todo ano, pois de acordo com Claudia Costin, a Prova Brasil, elaborada pelo Ministério da Educação, que gera o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), não dá conta de acompanhar o a rede escolar do Rio, já que é aplicada somente a cada dois anos.

## **2ª época e taxa de reprovação**

Com a aproximação do final do ano letivo, a SME-RJ divulga o sistema de recuperação para os estudantes do 3º ao 9º ano que ficarem com conceito global R (regular) ou I (Insuficiente), que na realidade é o sistema de 2ª época.

Francisco Edson Alves, que assina a matéria "Alunos da rede municipal farão exercício nas férias e novas provas na volta às aulas" de 27/11/09 publicada no *O Dia*. Ele sintetiza o sistema da seguinte maneira: "quem tirar conceito I (de insuficiência) em uma ou mais disciplinas fará uma apostila de exercícios nas férias e novas provas na volta às aulas. Se aprovados, pulam para a série seguinte".

Nesse sistema 49.313 estudantes foram reprovados já no final de 2009 e mais 55.839 alunos tiveram que fazer a 2ª época, podendo ou não serem aprovados antes do ano letivo de 2010. Mas é importante ressaltar que os

28.000 que foram considerados analfabetos funcionais e deslocados para classes especiais não estão inclusos nesses números.

Por não se constituir como parte de nossa pesquisa, nesse momento, não dispomos de informações sobre a real taxa de reprovação do ano de 2009, já que só foi definida em 2010, pouco antes do início das aulas.

Como se tornou frequente, a secretária municipal de educação declarou que os números já estavam previstos e culpou a “aprovação automática” e a gestão anterior pelos prejuízos na aprendizagem.

No geral podemos concluir que há forte ênfase nas políticas de avaliação por parte da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Fazendo uso de exames de larga escala para justificar a implementação de uma série de ações educacionais.

## Capítulo 4 – Representações da educação de qualidade: uma análise de conteúdo

Nossa análise de conteúdo possibilitou a construção de um panorama<sup>13</sup> das temáticas da qualidade e avaliação e da forma como foram retratadas nos jornais que compõem nosso *corpus*.

A partir disso, surge a necessidade de buscar referencial teórico para temas que inicialmente não havíamos planejado mas que surgiram no decorrer da análise. Como por exemplo, o papel de entidades da sociedade civil nas políticas sociais e a lógica mercadológica na educação, ambos preceitos do neoliberalismo (APPLE, 2005).

De maneira geral os assuntos são abordados por três eixos: (1) a exposição de concepções de qualidade da educação; (2) as estratégias para alcançar a qualidade da educação; (3) e a responsabilização e justificativa para situação atual da educação pública considerada de “má” qualidade.

A nosso ver esses três eixos trazem características relevantes para o entendimento desse contexto e estão em consonância com os nossos objetivos de pesquisa. Cada um se constitui em uma categoria onde agrupamos nossos dados e por esse motivo pretendemos discutir especificamente cada um deles.

### Concepções de Qualidade da Educação

Neste ponto organizamos nossas unidades de análise em duas subcategorias. Uma referente aos (a) *resultados em grandes exames, índices e indicadores* e outra relativa à (b) *eficiência e gerenciamento*.

Na primeira podemos sintetizar os significados das mensagens com algumas afirmações. Como: *IDEB alto é sinônimo de qualidade do ensino; o IDE-Rio deve medir a qualidade se espelhando no IDEB; a elevação de notas em grandes exames significa o aumento da qualidade; melhorar a taxa de evasão é melhorar a qualidade; e é possível cobrar qualidade por meio de indicadores e dados*.

<sup>13</sup> No anexo 3 encontra-se a tabela produto da categorização, quantificação e sintetização dos dados.

Observamos aqui que quando aparece a palavra qualidade não se indica claramente de qual qualidade se está falando. Como se no termo não coubessem preceitos diferentes dos impostos nesses materiais.

Compreendemos essa questão como um problema para os que assumem o compromisso de transformação da escola pública. Mudança que se pauta na democratização do acesso e sucesso escolar, assim como na consideração da pluralidade de conhecimentos e sujeitos. Uma escola pública que objetiva a construção da cidadania transformadora e inquieta, que não aceita o lugar de subalternidade imposto às classes populares pelo projeto hegemônico de qualidade.

Buscamos em Esteban (2008) uma explicação para a questão, e acreditamos que este problema tem relação intrínseca com a característica polissêmica da palavra qualidade:

Qualidade é uma palavra polissêmica, plástica, que encerra virtualidades e positivities, expressa convergência de preocupações, permitindo a rápida construção de um consenso por criar a ideia de agregação em torno de compromissos comuns. Estas características ocultam o quanto suas diferentes acepções guardam possibilidades opostas e contraditórias de organização da escola como projeto social. Diante dos diferentes quadros de insucesso escolar, impossível não se clamar por uma escola de qualidade (p.6).

Temos visto que a apropriação dessa palavra consensualizadora é realizada no sentido de atribuir mudanças no senso comum. E os jornais se colocam como um importante meio para isso.

Segundo Apple (2005) as políticas neoliberais necessitam reconfigurar os bens e serviços (públicos) para que possam ser comercializados e as pessoas sejam convencidas a comprar. Explica ainda que *a natureza difundida destas pressões de avaliação e de mensuração, e sua habilidade para se tornar parte do nosso senso comum, impediu o desenvolvimento de outros conceitos de eficiência e democracia* (p.39).

Ou seja, podemos inferir também que essas pressões de avaliação e de mensuração, muito constantes nos dados analisados, impedem o desenvolvimento de outros conceitos de qualidade e ideal educacional. Para exemplificar transcrevemos um trecho da reportagem publicada no Jornal O



Globo "Município do Rio dará verba a colégios que cortarem gastos e salário extra a professores de turmas que melhorarem as notas" de 02/07/09.

O MEC tem um bom instrumento para medir a qualidade da educação, o Ideb. Acontece que a avaliação tem que ser feita todo ano, mas o índice nacional só sai a cada dois anos. Então, aplicaremos a Prova Rio junto com a Prova Brasil. Assim, construiremos uma base do IDE-Rio, que em 2010 será comparado com 2009, e assim por diante.

Como podemos ver, o objetivo de melhorar o IDEB é identificado com a necessidade de melhorar a qualidade da educação e justifica a implementação de outras medidas no mesmo âmbito.

Apesar da presença de perspectivas que abordam também taxas e indicadores, é considerável a ênfase nos resultados dos exames externos.

Além disso, devemos também destacar a presença de reportagens que carregam significados relativos à *eficiência e gerenciamento*. Pressupondo que *gastar menos e fazer mais* são elementos essenciais para a qualidade e que *as escolas melhores colocadas nos rankings são de qualidade porque são bem gerenciadas*.

No geral essas acepções estão articuladas aos indicadores e exames externos. Como a escola que é considerada bem gerenciada e de qualidade por ter boa colocação no IDEB.

A *qualidade como eficiência* pode ser observada no projeto "choque de resultados" da secretaria da Casa Civil do município do Rio de Janeiro que prevê para as instituições a aplicação de verbas que elas deixarem gastar com contas de luz, água etc. Como no trecho a seguir:

A escola que economizar até 20% receberá 50% do valor que não foi gasto. De 20% a 50%, o retorno será de 80%; e mais de 50%, o valor a ser recebido será de 100%. Atualmente, a secretaria gasta R\$ 65 milhões com concessionárias (água, luz etc). O objetivo é reduzir esse gasto em 40% (O Globo – ed - 02/07/2009).

Nota-se que o maior objetivo é economizar o gasto em 40%, ficando claramente em segundo plano a melhoria estrutural das escolas, pois somente

as instituições que economizarem mais de 50% têm toda a verba aplicada em sua melhoria.

### **Estratégias para alcançar a qualidade**

Dentro desse eixo, atentando um pouco para a questão quantitativa, nossos dados apontam para um fato interessante. Existe maior ocorrência de unidades de análise voltadas para o apontamento de estratégias (34) do que para a própria conceituação, discussão e defesa de um ideal de escola (12).

Essa informação não nos surpreendeu, pois a forma como frequentemente se aborda a questão da qualidade nos jornais não deixa espaços para reflexão e inserção de outras propostas. O que acontece então é que a discussão é dada como concluída e se parte para os meios de alcançar um fim já definido, as estratégias.

Esse conjunto de dados compõe a categoria *estratégias para a qualidade* e foram organizados em quatro sub-categorias. A saber: (a) *parcerias com entidades do 3º setor e outras instituições privadas*; (b) *instituição de um sistema integrado de ensino*; (c) *meritocracia, sistema de bônus, e premiação*; e (d) *Provas externas*.

Sobre a sub-categoria (a) *parcerias com entidades do 3º setor e outras instituições privadas*, podemos tecer algumas considerações.

A princípio sintetizamos os dados e os transformamos em afirmações que podem nos auxiliar na discussão da questão. As seguintes frases representam essa síntese das mensagens: *é necessário o alinhamento entre a prefeitura e os demais setores da sociedade pela melhoria da educação no município; os serviços do Instituto Ayrton Senna podem resolver o problema do analfabetismo funcional; as parcerias com ONG's são formas de aumentar o IDEB; e o Conselho formado por economistas, diretor de televisão, representantes do 3º setor, políticos e pesquisadores deve ajudar a fiscalizar a melhoria da qualidade*.

Em suma essas parcerias são apregoadas como solução para problemas da educação. Podemos elencar o problema dos analfabetos funcionais onde a "solução" proposta é a adoção de uma metodologia elaborada pelo Instituto Ayrton Senna.

Para as crianças que são analfabetas funcionais, que não sabem ler e escrever na quarta série, nós chamamos o instituto Ayrton Senna, para então haver classes especiais para essas crianças especificamente, para que elas possam, o quanto antes, voltar para a série apropriada à sua idade (O Globo – ed - 27/01/2009).

Assim como para o baixo IDEB das escolas em área de risco deve-se alinhar alianças com organizações não-governamentais. Como no exemplo abaixo:

Claudia [Costin] convidou a artista plástica Yvonne Bezerra de Mello para ser consultora da rede municipal. Yvonne, de 61 anos, que ganhou destaque no Brasil e no mundo depois da chacina da Candelária, continua à frente de sua ONG - o Projeto Uerê, no Complexo da Maré (Globo – ed - 15/02/2009).

Outro caminho relevante para nossa discussão, diz respeito à formação de pequenos grupos que recebem formalmente a missão de fiscalizar a melhoria da qualidade da educação. Neste caso citamos o conselho Parceiros da Educação Carioca e o Movimento Todos Pela Educação.

Mesmo não sendo eleitos e possuindo uma composição pouco representativa, esses conselhos são referendados pela SME/RJ com essa importante missão. Como podemos perceber neste trecho “outra medida adotada pela Prefeitura do Rio para melhorar a qualidade do ensino é a criação do conselho de notáveis batizado de Parceiros da Educação Carioca” (O Dia – ed – 06/03/2009).

Esses conselhos, aliados a outros aspectos, são expressões do que Apple (2005) entende como *audit culture* (cultura da auditoria), ele disserta que:

o neoliberalismo exige a produção constante de evidência de que você está fazendo as coisas “com eficiência” e da maneira “correta” – ao examinar os efeitos da junção de tendências aparentemente contraditórias dos discursos e das práticas neoliberais e neoconservadoras, sendo exatamente isto o que está acontecendo em todos os níveis da educação, inclusive na educação superior. E este fenômeno está ocorrendo ao mesmo tempo em que o Estado propriamente dito está cada vez mais sujeito à comercialização. Esta situação originou o que pode ser denominado de “cultura de auditoria” (*audit culture*) (p.38).

Assim, é possível perceber a presença marcante dessa cultura de auditoria, que tem como aspectos, além dos conselhos supracitados, o excesso de provas em larga escala e a importância atribuída a elas nos jornais.

Não nos prenderemos nas considerações acerca da sub-categoria (b) *instituição de um sistema integrado de ensino*, pois nos dados coletados essa questão não se coloca de forma sistemática como as outras e somente aparece em uma situação.

Prosseguindo, devemos tecer comentários sobre o item (c) *meritocracia, sistema de bônus e premiação*. As frases que representam esse aspecto podem ser entendidas desta forma: *o bônus para funcionários da educação pode servir para que as escolas melhorem seus Índices (IDEB e IDE-Rio) e para garantir assiduidade; o incentivo financeiro para alunos ajuda a melhorar o desempenho escolar, e as escolas devem criar projetos especiais com o objetivo de receber a premiação*.

Podemos considerar ainda a transposição do objetivo maior da instituição escolar, de formar pessoas para o exercício pleno da vida, para o objetivo simplista de melhorar notas em exames de larga escala. Como vemos no seguinte trecho:

A estratégia da prefeitura de incluir na premiação do 14º salário serventes e merendeiras dos colégios que conseguem melhorar já rendeu até reuniões para montar uma força-tarefa. Na Escola Joracy Camargo, na Vila Cruzeiro, que obteve Ideb 4,2, até os pais já foram avisados das metas que a unidade tem que alcançar. "Estamos confiantes que vamos atingir a nota exigida para a premiação", afirmou a diretora Telma da Silva (O Dia - ed - 30/06/2009).

Não defendemos indiscriminadamente todas as práticas antigas da nossa escola pública frente às mudanças impostas pelas reformas neoliberais. Quer dizer, a mudança da rotina da escola em si não se constitui em fator negativo, mas o objetivo não pode ser simplesmente o aumento do IDEB. É preciso mudar as rotinas e práticas em prol do sucesso escolar, considerando toda a complexidade que isso envolve.

No último ponto (d) *provas externas*, há de se destacar que é o que agrupa o maior número de unidades de análise e que os papéis que as provas externas desempenham são diversos, porém complementares.

Podemos então sintetizar os significados encontrados da seguinte forma, as provas externas: *justificam a implementação de políticas; são estratégias para melhorar o ensino; devem padronizar os currículos; podem mostrar o quanto professores e funcionários se empenharam no desenvolvimento da aprendizagem; apontam os problemas pontuais de cada criança; possibilitam o acompanhamento dos resultados pelos pais por meio da internet; servem para diagnosticar problemas como o levantamento do número de analfabetos funcionais; podem compor as notas do boletim dos estudantes; e avaliar o desenvolvimento da rede.*

Esse ponto foi o que encontramos com mais frequência em nossa pesquisa (17 ocorrências). O conteúdo dessas mensagens demonstra que nesse contexto a prova, às vezes confundida com avaliação, ganha papel de destaque e é concebida como redentora de toda educação.

É preciso esclarecer que existe uma confusão entre avaliação e prova, pois as duas palavras tem sido comumente usadas como sinônimos quando na verdade não são. Avaliação é um conceito mais amplo, como disserta Fernandes (2009):

Sabemos que avaliação faz parte do trabalho pedagógico e que, por ser um processo, é condição inerente para que a aprendizagem se realize. Porém, como em nossa cultura escolar, avaliamos para aprovar ou reprovar, a avaliação deixa de ser entendida como processo e acontece ao final dos bimestres, trimestres, semestres para verificar acertos e erros, premiar com a aprovação ou castigar com a reprovação (p.109).

Dentre as funções atribuídas a essas provas externas, está a de padronizar currículos. Isso, em alguns momentos, é claramente expresso por gestores da rede pública, como na declaração do subsecretário de Educação Álvaro Crispino quando se referia às provas bimestrais da SME/RJ.

esses provões bimestrais — elaborados pelos professores e pela secretaria — vão avaliar se o currículo escolar de cada série está sendo aplicado igualmente em todas as

1.042 unidades da rede. “A partir daí, vamos dar alunos e professores o apoio que eles precisam para ensinar e aprender em um único e bom nível” (*O Dia* – ed - 06/03/2009).

Isso ocorre também na medida em que a SME/RJ envia cadernos de revisão para realização da prova e institui práticas como a realização do simulado para a Prova Brasil.

Além disso, os grandes exames adquirem a função de justificar a implementação de outras políticas. Até porque, foi embasada em resultados de provas, que a SME/RJ no ano de 2009 instituiu o projeto “Se liga” com o Instituto Ayrton Senna, os projetos de reforço escolar e as ações diferenciadas para as escolas em áreas de risco que segundo declarações da SME/RJ “puxam” o IDEB para baixo.

Nesse âmbito, cabe ainda inferir sobre as maneiras como os resultados das provas são discutidos nos jornais. Percebe-se que há uma tendência para discutir a aprendizagem dos estudantes, indo além dos comentários sobre percentuais e índices que classificam as escolas e redes. Ou seja, se já é comum encontrarmos matérias de jornais sobre os *ranking* das escolas (como no caso do ENEM), encontramos agora comentários sobre a aprendizagem dos alunos, principalmente a partir da resolução da SME/RJ nº 1.014<sup>14</sup>.

A título de exemplo, encontramos situações onde se discute o percurso dos alunos durante o ano, fazendo afirmações do tipo *na média geral, os do 7º e 8º ano andaram para trás, com médias que foram despencando ao longo das provas bimestrais de Português e Matemática* (*O Dia* – ed - 27/11/2009).

As discussões acadêmicas do campo da avaliação da aprendizagem são ignoradas e essa questão demonstra uma hegemonia da ótica da avaliação quantitativa.

Nos referimos a avaliação quantitativa no sentido de prática tradicional e hegemonicamente enraizada na escola brasileira. Discordamos dessa concepção, que entre outras características é classificatória, homogeneizante e controladora. Sobre isso Esteban (1999) ressalta ainda o seu caráter de produção de fracasso/sucesso escolar.

---

<sup>14</sup> Resolução que institui as provas bimestrais da SME/RJ em todas as escolas da rede.

Portanto para mim, a reflexão sobre a avaliação só tem sentido se estiver atravessada pela reflexão sobre a produção do fracasso/sucesso escolar no processo de inclusão/exclusão social (1999, p.7).

Já a avaliação qualitativa, tem caráter diagnóstico e processual, é concebida como parte do processo de aprendizagem. Não se avalia somente para determinar quem sabe os conteúdos selecionados. A função da avaliação vai além e Hoffmann (2005) demonstra uma complexa dinâmica que deve ser marcada pela mediação sensível e atenta do educador.

Mediar a mobilização, mediar a experiência educativa e mediar a expressão do conhecimento, todas essas são etapas do ciclo dinâmico de avaliação e que considera um ciclo, também dinâmico, de aprendizagem.

A partir dessa ótica, o erro nos dá pistas para estabelecer estratégias de ensino. Pois o educador deve

interpretar o sentido das aprendizagens construídas nas tarefas avaliativas e situações de aprendizagem dos estudantes (para além de apenas corrigi-las), arquivando informações que considerar relevantes para o seu acompanhamento (HOFFMANN, 2005, 46).

Desta forma, a partir do erro podemos ter acesso a novos dados sobre a dinâmica de aprendizagem do estudante, sabendo o caminho que está sendo percorrido no processo de construção do conhecimento.

A compreensão de que toda resposta, seja ela “certa” ou “errada” do ponto de vista do avaliador, traz em si conhecimentos e desconhecimentos leva à conclusão de que o que permite o movimento é o “ainda não saber” – síntese do já consolidado e sinal de novas possibilidades – e à percepção de que o “não saber” tem tanto valor, para se tecer novos conhecimentos, quanto o saber (ESTEBAN, 1999, p.26).

Saber o que o estudante *ainda não sabe*, deve nos auxiliar na adoção de práticas mais consonantes com as necessidades subjetivas de cada um, dentro da *heterogeneidade real* da escola.

Tendo a avaliação processual e qualitativa como ponto de partida, as considerações expressas nos jornais sobre a aprendizagem dos estudantes não

faz o menor sentido, e mesmo a avaliação das redes se mostra frágil e ignora décadas de avanço dos estudiosos do campo da avaliação.

### **Justificativas para a “má” qualidade**

É lugar comum dizer que a escola pública brasileira é de “má” qualidade, e em muitos dos textos jornalísticos encontramos apontamentos de motivos e culpados desse problema.

É certo também, que em nosso contexto de estudo (reportagens do jornal *O Dia* e *O Globo*) quando alguém se refere a esse problema, na verdade esta considerando que os resultados negativos nos exames são sinônimos de pouca aprendizagem e “má” qualidade.

Sabemos que isso não é necessariamente verídico, pois o desempenho de um estudante em uma prova depende de diversos fatores, inclusive da vontade dele de realizar o procedimento e seu estado emocional no dia.

Considerando tudo isso, cabe-nos apresentar as características que encontramos nas mensagens identificadas nessa categoria. Elas foram também agrupadas em duas sub-categorias: *aprovação automática e prova*; e *infraestrutura, déficit de professores e violência*.

No sentido de facilitar o entendimento, também devemos ressaltar que do total de 8 ocorrências, 6 cabem na primeira sub-categoria e somente 2 na segunda. Apesar da separação feita com o objetivo de facilitar a análise, deve-se considerar que elas não assumem posições antagônicas e de disputa nas páginas dos jornais, na realidade se complementam e são utilizadas para responder questões diferentes, fazem parte da mesma lógica de qualidade.

Sobre *aprovação automática e prova* podemos sintetizar os conteúdos das mensagens da seguinte forma: *a culpa é da aprovação automática da gestão anterior*; e *a falta de avaliação* (leia-se prova) *na gestão anterior principalmente de matemática e português é o fator responsável pelo baixo desempenho*. A maneira simplista como essa síntese apresenta os conteúdos é intencional e busca demonstrar a superficialidade do tratamento dos mesmos nos jornais.

Nesses jornais, a confusão entre aprovação automática, ciclos e avaliação é recorrente, como no caso a seguir:



A secretária de Educação, Cláudia Costin, culpa o sistema de aprovação automática da gestão passada: “Os alunos do último ciclo ficaram muito tempo sem fazer avaliação, especialmente de Matemática”.

Por conta de declarações como esta se faz necessário um breve esclarecimento sobre as diferenças entre os ciclos e a aprovação automática. Pois, apesar do senso comum retratar como unívocas, essas políticas possuem fundamentações diferenciadas e surgiram em contextos distintos no Brasil.

Segundo Fernandes (2001) as políticas de aprovação automática (ou promoção automática) surgem na década de 20, e nos anos 50 são “encaradas com entusiasmo e otimismo por políticos e gestores de políticas educacionais” (p.1). Enquanto

a experiência dos ciclos no Brasil data das décadas de 60 e 70 e tem um crescimento nos anos 80 para as séries iniciais do Ensino Fundamental (os Ciclos Básicos de Alfabetização), tendo se ampliado para as demais séries ao longo dos anos 90 (FERNANDES, 2009, p.26).

Fernandes (2008) faz também uma distinção mais profunda e consideramos relevante citar integralmente essa questão quando argumenta que:

Ciclos e aprovação automática não são a mesma coisa. Os ciclos não são um método de ensino nem tampouco um sistema de ensino. Os ciclos dizem respeito à forma de distribuição / organização / partição dos anos que os estudantes passam na escola. Podemos organizar esse tempo dividido ano a ano (séries / organização seriada), como podemos organizar / dividir esse tempo de dois em dois anos, três em três anos, quatro em quatro anos (ciclos / organização em ciclos). Tal distribuição diferenciada (por ciclos) traz implicações não só na forma de avaliar mas também na forma de se organizar o conhecimento escolar ao longo do tempo, na relação entre professor e aluno, nas relações entre família e escola, na cultura escolar (p.53).

Já sobre a aprovação automática:

A aprovação automática diz respeito à forma como os alunos serão promovidos ao longo de sua escolaridade. Não diz nem respeito somente à avaliação, pois a avaliação no meio escolar é um processo que envolve

muito mais do que somente aprovação ou reprovação. Não se avalia apenas para aprovar ou reprovar os alunos, e qualquer professor sabe disso (p.54).

Além dessa confusão, encontramos frequentemente relatos que atribuem à escolaridade organizada em ciclos a culpa pelo baixo desempenho de estudantes em avaliações de larga escala. Isso expressa a existência de uma cultura escolar que considera a reprovação como garantidora de qualidade. E sobre isso, Fernandes (2009) disserta que “a implantação de um sistema de ciclos e de um sistema de avaliação baseado em uma avaliação continuada abala uma cultura enraizada nos sistemas educacionais, nas escolas e nos profissionais da educação” (p.22).

Não podemos ignorar também que “aprovação automática” em 2009 no Rio de Janeiro representava uma expressão da política do ex-prefeito César Maia e que foi alvo de duras críticas do prefeito Eduardo Paes no período de propaganda eleitoral.

Sobre a sub-categoria *infraestrutura, déficit de professores e violência* pode ser resumido como: *a falta de infraestrutura e de professores justifica o mau desempenho; assim como a violência*. Esses aspectos aparecem de maneira pontual e recebem a devida importância.

Exemplo disso é o assumido déficit de 5.855 professores da rede municipal. Apesar da relevância dessa informação ela aparece muito pouco para explicar os problemas das escolas municipais. Como neste trecho:

Para a rede de uma forma geral, vamos resolver definitivamente a lotação das turmas quando diminuirmos o déficit de professores. Fiquei feliz que, em ano de crise, conseguimos convocar 1.800 concursados e reduzir a carência, que era de 7 mil professores. No segundo semestre, vou pedir mais convocações (*O Dia* – ed – 11/04/2009).

Esse fato não é recorrente como causa do problema, e só surge nas páginas dos jornais para dizer que foram chamados concursados para diminuir um pouco esse déficit e para justificar a superlotação das salas de aula.

## Capítulo 5 - Por uma educação de qualidade

O título deste capítulo faz referência ao *slogan* reproduzido massivamente nas mídias e discursos de profissionais dos diferentes campos que compõem o campo educacional<sup>15</sup>. E tem por objetivo problematizar a questão, buscando desvendar as entrelinhas deste *slogan* em diferentes contextos.

Observando alguns jornais quando retratam os temas relativos à educação podemos perceber que a maior parte dos sujeitos partilha a ideia de que existe um grave problema no sistema de ensino brasileiro que se reflete em um baixo grau de qualidade ou “má” qualidade da educação.

Essa ideia é compartilhada tão amplamente que quase atinge a consensualidade e em muitos níveis acarreta na falta de reflexão sobre o ideal educacional que almejamos. Ou seja, o excesso de importância que se atribui ao “problema da má qualidade”, não permite brechas para discussões sobre o que se entende por escola de qualidade ou boa escola. A partir dessa superficialidade concepções veladas e não declaradas invadem as páginas dos jornais. Como ocorrem nas declarações e comentários que compõem a repercussão dos resultados, *rankings* e notícias sobre as grandes avaliações dos sistemas de ensino.

Esta preocupação está presente nas discussões do campo teórico da educação, como em Paro (2007):

Ora, quando se atenta para a importância social da educação e para os enormes contingentes populacionais que as políticas públicas da área envolvem, mostra-se bastante preocupante essa ausência de um conceito inequívoco de qualidade (p.15).

Acreditamos que nos jornais pesquisados o tratamento dado à “qualidade” cumpre uma função ideológica ao contribuir para o fortalecimento somente de um determinado conceito. Podemos dizer que este tem relações intrínsecas com o que Ball (2006) denomina de “revolução da qualidade”. Ele

---

<sup>15</sup> Estamos nos baseando no conceito de campo de Bourdieu a ser melhor detalhado no final deste trabalho.

argumenta que a educação está sujeita à retórica de aperfeiçoamento dessa chamada “revolução da qualidade” que:

Tem sido uma característica-chave das reformas governamentais no Reino Unido (e em vários outros lugares) desde o início dos anos 1980. [...] Muito da parafernália de qualidade é tomada de empréstimo do setor privado – o setor público, foi defendido [segundo essa retórica], se beneficiaria da exposição às forças do mercado, aos modelos comerciais de gerenciamento e de aperfeiçoamento da qualidade ( p.14).

Ou seja, está evidente o papel da retórica da qualidade na imposição de posições neoliberais na educação pública que se referenciam na lógica do mercado e buscam a criação de um “novo ambiente moral” no setor público. Ambiente onde valores como competitividade, empreendedorismo e flexibilidade se impõe no lugar de estabilidade, cooperação e justiça social. Ele ainda afirma que “a ideia de deliberar e planejar almejando o “bem comum” torna-se sem sentido” (idem).

É possível facilmente exemplificar a questão citando políticas meritocráticas como bonificação salarial para professores vinculadas ao desempenho de seus alunos em exames de larga escala.

Iremos nos dedicar neste capítulo também a discutir algumas das concepções de qualidade encontradas na história recente da educação. Considerando que elas se relacionam com o contexto político e local de cada época, e que uma corrente é suprimida com o fortalecimento de outra, elas coexistem na cultura escolar e influenciam de diferentes formas na prática educativa e formulação de políticas educacionais.

Em nossos percursos de pesquisa percebemos que a “educação de qualidade” identificada com valores como competitividade, empreendedorismo, performance e eficiência, é hegemônica nas mídias de massa, especialmente nos jornais de grande circulação da cidade do Rio de Janeiro. Discutiremos essa questão apontando para a ideia de “qualidade negociada” como uma alternativa mais coerente com as discussões científicas contemporâneas no campo da educação, e principalmente na avaliação educacional. Ou seja, uma qualidade de natureza negociável, processual, contextual e transformadora (FREITAS, 2005).

## Concepções de qualidade na educação

Os jornais<sup>16</sup> quando abordam o tema da "qualidade" no contexto educacional imprimem uma visão ahistórica e unívoca. Desconsideram que o conceito de qualidade é historicamente produzido e deve ser visto como fenômeno complexo.

Por isso, devemos levar em conta que o termo "qualidade da educação" carrega em si diversas significações que tomaram corpo de acordo com diferentes contextos políticos<sup>17</sup>. No artigo O discurso da qualidade e a qualidade do discurso, Mariano Fernández Enguita (1994) expõe que o conceito de qualidade na educação "inicialmente foi identificado tão-somente com a dotação em recursos humanos e materiais dos sistemas escolares ou suas partes componentes" (p.98). O foco das discussões sobre qualidade da educação estava na relação do produto interno bruto com o financiamento dos sistemas de ensino, gasto por aluno, salário de professores e condições de trabalho.

Tudo isso em consonância com o entendimento do investimento na educação pública como imprescindível para a instituição do Estado de Bem-Estar social. Onde se acredita que o maior investimento financeiro e material nos serviços públicos, como a educação e saúde, é determinante para a ampliação da qualidade dos mesmos. Considerando que a partir dessa ótica é responsabilidade do Estado promover o bem-estar social e garantir serviços públicos e direitos sociais à população.

"Mais tarde, o foco da atenção do conceito se deslocou dos recursos para a eficácia do processo: conseguir o máximo resultado com o mínimo custo" (idem). Na mudança do discurso da qualidade da educação, se expressa a transmutação do momento em que se pautava o Estado de Bem-Estar social para a lógica empresarial privada. Pois nessa perspectiva a relação dos recursos com resultados esperados e atingidos é que determinam o grau de qualidade do sistema.

---

<sup>16</sup> Referimos-nos a esse meio de comunicação por ser objeto de nossa pesquisa, pois os problemas explicitados não são exclusivos dos textos jornalísticos.

<sup>17</sup> Cabe explicar que neste momento estamos nos referindo à hegemonia dessas visões em diferentes épocas. Pois uma não desaparece com a chegada da outra, elas convivem, conflituam, complementam e se transformam.

Posteriormente é possível localizar a predominância da concepção da qualidade que é medida por meio de grandes avaliações de desempenho dos alunos. Entre outros resultados quantitativos. Como “taxas de retenção, taxas de promoção, egressos dos cursos superiores, comparações internacionais do rendimento escolar, etc” (idem).

Mais adiante, demonstraremos indícios dessa forte tendência de identificação da “qualidade” com o desempenho em grandes exames. Assim como iremos discutir os contextos e consequências desse discurso nos rumos da política educacional brasileira.

### **A qualidade é polissêmica**

Buscando uma ótica mais coerente com nossos estudos e vivências concordamos com Moreira & Kramer (2007) que argumentam que a qualidade da educação é um fenômeno complexo que possui determinações intraescolares (currículo, formação docente, gestão escolar etc) e extraescolares (condições de vida da população, capital econômico e cultural das famílias dos alunos entre outros).

Os autores demonstram ainda as limitações de algumas visões de educação de qualidade que tratam com simplismo o fenômeno:

Nesse caso, encontram-se as que priorizam: desempenho satisfatório em exames nacionais; domínio de conhecimentos, habilidades e competências que se estabeleçam previamente; emprego de tecnologias avançadas; supervalorização da competitividade e da produtividade; novos métodos de gerenciamento de sistemas e instituições educacionais; procedimentos integrados e flexíveis no trabalho pedagógico (p.1043).

Não se descarta a importância de alguns desses aspectos dentro da ótica da qualidade da educação como fenômeno complexo, porém a crítica se fundamenta quando:

a noção de qualidade se funda apenas em pressupostos técnicos e se distancia dos juízos de valor, do compromisso com a justiça social, bem como das ações e dos interesses dos sujeitos que concretamente a define e adota (idem).

Por fim, Moreira & Kramer (2007), concluem argumentando que:

O conceito de qualidade é historicamente produzido, não cabendo, portanto, pensá-lo em termos absolutos. Pressupõe uma análise processual, uma dinâmica, assim como a recuperação do específico e o respeito às condições conjunturais. Trata-se, em síntese, de concepção formulada com base em um arbitrário sociocultural e norteadas por demandas distintas e mutáveis (p.1044).

Reconhecendo a base arbitrária sob a qual os conceitos de qualidade têm sido constituídos, podemos problematizar a questão e propor uma ótica mais condizente com as recentes pesquisas em avaliação e currículo, por exemplo. Ou seja, levantar a bandeira da qualidade identificada com o argumento das escolas como:

Formas sociais que ampliam as capacidades humanas, a fim de habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades e a serem capazes de exercer poder com vistas a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas que promovam o fortalecimento do poder social e demonstrem as possibilidades da democracia (GIROUX & SIMON, 2009, p.95).

### **Afinal, o que é uma escola de qualidade?**

Pensar em escola de qualidade é na realidade pensar em um ideal de escola, significa refletir sobre os atributos que uma escola deve ter para cumprir sua função. Sendo assim, há uma questão que precede: qual deve ser a missão da escola? Ou colocando de outra forma, qual deve ser a função social da escola?

Pensando sobre a referida questão, Krug (2006) explica que existem atualmente, no cenário mundial, propostas neoliberais e propostas progressistas para a educação, e as diferenças entre elas tem por base justamente as diferenças na concepção da função da escola.

As primeiras são “aquelas que representam o desdobramento do liberalismo burguês, com ações conhecidas como neoliberais, as quais ainda defendem a neutralidade da escola e dos seus conteúdos” (Idem, p.128). A qualidade, no âmbito dessas propostas, é aferível por meio de avaliações de desempenho de estudantes que serve por base para avaliar a qualidade do professor e responsabilizá-lo pelo desempenho.

Utilizando a análise dos jornais para responder nossa pergunta, podemos afirmar que a missão da escola, na ótica das propostas neoliberais, é fazer com que os alunos tenham bons desempenhos em exames que abarcam conteúdos arbitrários, padronizados e mundializados. Isso significa dizer, entre outras coisas, que o problema da “má qualidade” está na ineficiência da escola e baixo desempenho dos alunos se comparados a outros países do mundo por meio do ranking do PISA<sup>18</sup>.

Se nos voltarmos para as propostas ditas progressistas percebemos outras preocupações que são fundamentalmente políticas. Voltadas para a democratização do acesso e do sucesso, englobando práticas de gestão democrática e de formação, relacionamento com a comunidade local e a preocupação com a formação dos sujeitos para o exercício pleno da vida. Assim, a função dessa escola tem a ver com a:

atualização histórica do homem [como] condição imprescindível, embora não suficiente, para que ele, pela apropriação da cultura produzida historicamente, construa sua própria humanidade histórico-social, parece justo admitir que a escola fundamental deva pautar-se pela realização de objetivos numa dupla dimensão: individual e social (PARO, 2007, p.16).

Ainda nessa linha, Azevedo (*apud* KRUG, 2006) defende:

Um projeto de educação de Qualidade Social transformador e libertador, onde a escola seja um laboratório de prática, de exercício e de conquista de direitos, de cidadãos plenos, identificados com os valores éticos, voltados à construção de um projeto social solidário que tenha na prática da justiça, liberdade, no respeito humano, nas relações fraternas entre homens e

---

<sup>18</sup> Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).



mulheres e na convivência harmônica com a natureza, o centro de suas preocupações (p.131).

Essa escola de qualidade à partir da ótica progressista não está pronta, e nem poderia estar. É necessário trabalhar para sua construção com base em preceitos outros. Freitas (2005) explica que para definir essa "qualidade" é preciso clarificar os principais aspectos de sua natureza como "seu caráter negociável, participativo, auto-reflexivo, contextual/plural, processual e transformador" (p.921).

### **Qualidade negociada**

A noção de qualidade que pretendemos focar é a "qualidade negociada" (FREITAS, 2005, 2009). Assim objetivamos contribuir para fomentar o debate, com uma concepção mais coerente com as propostas progressistas de educação. Justamente por ser negociada, aberta e em processo de construção permanente.

Nas propostas neoliberais que discutimos anteriormente "a mudança é vista como parte de ações gerenciais administradas desde um "centro pensante" (FREITAS, 2009, p.56). Dentre muitos aspectos esse é o fundamental, pois pensando nas políticas de avaliação essa questão fica evidente. Provas elaboradas por entidades mundiais que influenciam a educação em todo o mundo, realizadas por estudantes de nações desenvolvidas ou as ditas em desenvolvimento. Uma prova como o PISA, influi diretamente nas provas nacionais, como a Prova Brasil, que por sua vez pressiona a Prova Rio até chegar na base do sistema escolar.

Propostas políticas progressistas e neoliberais, no geral, parecem ainda pouco satisfatórias por não prezar pelo aspecto negociável da qualidade.

Em outras palavras, mesmo propostas identificadas como progressistas, fundamentadas teoricamente e que obtiveram sucesso em outros contextos (por exemplo, as propostas de ciclos e de não reprovação) quando implantadas a partir de um "centro pensante" sofrem resistências na base que comprometem seu desenvolvimento.

Sob a ótica da qualidade negociada a "tendência das políticas participativas é gerar envolvimento da "ponta" do sistema" (Idem) por isso o

destaque para o caráter negociável da qualidade. E sendo assim, os indicadores dessa qualidade não são:

Normas impostas do alto, às quais devemos nos adequar. Não representam, nem mesmo, um “valor médio” de exequibilidade de aspectos da qualidade. São, ao contrário, significados compartilhados (...). São, portanto, como indica o próprio termo, sinalizações, linhas que indicam um percurso possível de realização de objetivos compartilhados. (...) aquilo que os diferentes atores sociais (...) se empenham em buscar, contribuindo, para isso, cada um de acordo com o próprio nível de responsabilidade (BONDIOLI *apud* FREITAS, 2009, p.921).

Nessa citação o autor destaca dois aspectos dessa definição sua “sua significação compartilhada” e a “contribuição de cada um de acordo com seu próprio nível de responsabilidade” (Idem). Por isso os indicadores são mais importantes pela “significação compartilhada” do que por sua capacidade de gerar estatísticas.

Para efetivação desse projeto de escola, é necessário um “pacto com os múltiplos atores: da escola para com seus estudantes; da escola consigo mesma; da escola com os gestores do sistema escolar; e dos gestores do sistema para com a escola” (Idem, p.922).

Por fim, devemos deixar claro que “qualidade negociada” não significa que as escolas devem isoladamente estabelecer seus critérios como se não fizessem parte de uma sociedade. Os indicadores devem ser negociáveis porque os problemas são contextualizados e plurais, porém “é importante frisar que a definição de indicadores, apesar das características locais que fortemente explicarão as dificuldades ou facilidades de realização, é estabelecida no conjunto das necessidades e dos compromissos do sistema público de ensino” (idem, p.924).

### **Avaliação e qualidade da educação**

Não fugindo dessa lógica, as atuais avaliações da educação básica, como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) no âmbito internacional, a Prova Brasil em nível nacional e o Prova Rio na esfera

municipal, estão tomando importância nas páginas dos jornais e discussões que permeiam as políticas públicas.

Em nossa pesquisa ficou evidente a participação da avaliação para justificar a necessidade de mais “qualidade” no ensino público. Por isso, optamos por partir da avaliação para compreender os discursos sobre a qualidade da educação nos jornais.

Nessa seção selecionamos alguns textos jornalísticos que expressam as tendências observadas em todo nosso corpus de análise.

No dia 18/05/2009 foi publicado no jornal *O Globo* uma reportagem intitulada “Na série B da Educação”, que retrata a mudança na forma de avaliação do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) que na edição do ano de 2009 teve questões consideradas mais fáceis, com o intuito de identificar diferenças entre o desempenho de alunos com baixo rendimento.

Na referida reportagem acredita-se ser possível medir a qualidade do ensino pelo desempenho de estudantes em grandes avaliações padronizadas. Não considera as especificidades do exame, como a participação somente de alunos de 15 anos, sem levar em conta seu grau de escolaridade, e a abordagem de ciências, matemática e português. Como fica explícito no trecho abaixo:

A nota alcançada pelos alunos brasileiros sempre ficou abaixo da média geral. O número de países que participam varia em cada edição do exame, um dos mais importantes para medir a qualidade do ensino. São avaliados estudantes de 15 anos de idade, independentemente da série que cursam” (*O Globo*, p. 3, 18/05/2009).

O texto continua reforçando a idéia de que o exame é capaz de medir o aprendizado, ou seja, parte da perspectiva de que o baixo desempenho no exame significa pouco aprendizado e por isso pouca qualidade do sistema de ensino.

O coordenador-geral do Pisa na OCDE, Andreas Schleicher, considera surpreendente uma parcela significativa dos estudantes de 15 anos aprender tão pouco, apesar de freqüentar a escola por quase uma década ou mais. Segundo ele, a melhoria da qualidade do

ensino é o maior desafio dos países, não só do Brasil (*O Globo*, p. 3, 18/05/2009).

No trecho acima, além das considerações já realizadas, observamos o uso superficial do discurso da qualidade sem levar em conta a historicidade do termo.

Ao tentar entender as possíveis causas do sucesso de alguns países no PISA, o jornalista Demétrio Weber considera que:

Os professores nesses países conseguem dar conta das diferenças dos estudantes de modo muito construtivo: dão apoio aos mais fracos, sem deixar de incentivar as habilidades dos mais fortes (*O Globo*, p. 3, 18/05/2009).

Assim atribui o bom desempenho e a alta qualidade à maneira dos professores lidarem com as diferenças. Ou seja, a qualidade é atribuída a esses países porque conseguem homogeneizar o desempenho dos estudantes ao ponto de possuírem os mesmos conhecimentos sobre os temas abordados na prova.

A outra reportagem que escolhemos para analisar mais criteriosamente foi publicada em 06/09/2009 também no jornal *O Globo*. Tem como manchete a frase “Metas para melhorar as notas do ensino”, fazendo referência ao contrato de gestão assinado pelos diretores das escolas municipais do Rio de Janeiro com a Secretaria Municipal de Educação com o objetivo de, através de metas, melhorar a qualidade da educação.

No trecho abaixo é possível observar que novamente a visão de que a qualidade da escola pode ser medida pelo desempenho nas avaliações externas.

Cada escola tem uma meta individualizada, de acordo com seu desempenho: as que estão com notas piores precisam evoluir mais do que as que já têm bons índices. Professores e funcionários das unidades que atingirem as metas receberão o Prêmio Anual de Desempenho (*O Globo*, p. 15, 06/09/2009).

Como consequência dessa ótica de avaliação e qualidade da educação, também se entende que o currículo deve ser padronizado para atender às demandas das provas. Dentre as estratégias para diminuir as defasagens

identificadas nos exames, as escolas devem estabelecer formas de treinamento para as provas e incentivos para alunos e funcionários que melhor se adequarem ao sistema. Visando fortalecer uma cultura meritocrática e competitiva em detrimento de outros fatores, como a valorização da carreira docente. Como pode ser percebido no trecho abaixo:

A cada bimestre, as escolas têm recebido orientações curriculares, que tomam mais preciso o que deve ser ensinado. Nas provas padronizadas que são aplicadas a cada dois meses, ficam evidentes os erros mais comuns. É enviado um relatório para as escolas, apontando como trabalhar com os conteúdos necessários (*O Globo*, p. 15, 06/09/2009).

Pode-se também problematizar o fato de que provas padronizadas e elaboradas num nível central, não garantem qualidade no sentido que abordamos nesse estudo, uma vez que não consideram as diferenças nem entre os sujeitos que aprendem, nem entre os grupos de discentes ou docentes e entre as unidades escolares.

Nesse sentido, o parágrafo abaixo também levanta para nós algumas reflexões:

Os dados dos testes de matemática do 9º ano foram considerados por Claudia Costin como “um verdadeiro desastre”, resultado principalmente de uma sequência de anos no sistema de aprovação automática. Em visita a escolas, ela colheu relatos de que sequer provas vinham sendo aplicadas, já que não havia a possibilidade de reprovação (*O Globo*, p. 15, 06/09/2009).

Mesmo se tratando da gestora de uma grande rede de ensino, a declaração expressa alguns equívocos característicos do senso comum e da nossa cultura escolar: como a ideia de que a reprovação garante a aprendizagem e que sem aprovação/reprovação não há avaliação.

O ponto de convergência entre os textos jornalísticos supracitados e outros analisados é, principalmente, a crença de que as grandes avaliações são capazes de estabelecer o grau de qualidade de uma escola ou rede de ensino. Assim, expressam a terceira forma de percepção da qualidade retratada por Oliveira & Araujo (2005):

No Brasil, a qualidade de ensino foi percebida de três formas distintas. Na primeira, a qualidade determinada pela oferta insuficiente; na segunda, a qualidade percebida pelas disfunções no fluxo ao longo do ensino fundamental; e na terceira, por meio da generalização de sistemas de avaliação baseados em testes padronizados (p.6).

Vale ressaltar o papel central desempenhado pela avaliação, quando tem sua função seletiva tão superestimada que dificulta o estabelecimento de perspectivas de avaliação continuada e formativa. Cury (*apud* FRANCO & FERNANDES & BONAMINO, 2000) demonstra que a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) a avaliação ganha um papel central que “vai da negação de um sistema nacional de educação à afirmação de um sistema nacional de avaliação” (p.168).

A avaliação, principalmente por meio de exames, foi colocada no papel de guia na caminhada pela qualidade na última década. Junto a essa cobertura dos jornais, a criação de exames, índices e políticas de bonificação de professores e alunos, reforçam a função classificatória e seletiva. Para colocar a educação no caminho de outra qualidade, mais democrática e emancipatória, se faz necessário a construção de práticas articuladas de avaliação da aprendizagem, da instituição e das redes de ensino, respeitando os professores, gestores e comunidade escolar.

## Capítulo 6 - O jornalismo na construção do senso comum em educação

Buscando aprofundar as discussões dos resultados de nossas análises, nossas leituras nos levaram ao teórico Pierre Bourdieu. Por meio do conceito de campo (e mais especificamente campo jornalístico e campo educacional) buscaremos refinar nossas análises, mesmo que isso signifique trazer à tona reflexões que só se tornaram possíveis após toda a trajetória dessa pesquisa.

### Campo, campo jornalístico e campo educacional

O campo, em Bourdieu, se classifica como um universo social que tem leis e regras de funcionamento mais ou menos autônomas em relação ao contexto. O autor se refere ao campo como microcosmos relativamente autônomos, já que apesar de não escapar totalmente às imposições do macrocosmo gozam de certo grau de autonomia e de regras de funcionamento próprias.

Analisando o campo científico ele disserta que “é preciso escapar à alternativa da “ciência pura”, totalmente livre de qualquer necessidade social, e da “ciência escrava”, sujeita a todas as demandas político-econômicas”. Prosseguindo, o autor explica que “todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p.21-22). Desta forma, de acordo com a posição dos agentes na estrutura das relações objetivas, se determinam as regras do jogo.

Para compreender o campo é preciso também entender o conceito de *habitus*. Pois “Bourdieu corresponde o que acontece em um campo ao *habitus* dos agentes que se inter-relacionam em seu interior” funcionando como “[...] um princípio que organiza, dá sentido e conforma as práticas dos agentes no interior dos campos” (FERNANDES, 2003, p.96). O *habitus* é o princípio que dá sentido para as ações dos sujeitos dentro do campo e por isso tem a ver com as práticas tanto individuais como coletivas.

Assim, por meio do *habitus* explicam-se as disposições semelhantes na maneira de entender o mundo e agir dos agentes que estão inseridos em um mesmo campo. Por isso o conceito de campo se relaciona com o *habitus*. O Campo é um universo intermediário com regras próprias, agentes e instituições.

Isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas (BOURDIEU, 2004, p.20).

No âmbito deste trabalho, nos interessa discutir mais especificamente dois campos, o jornalístico e o educacional.

Para Bourdieu (1997) o campo jornalístico influencia em todos os campos e atua de forma a reforçar o “comercial” no lugar do “puro”. Isto porque um dos principais princípios de legitimação que rege esse campo é “o reconhecimento pela maioria, materializado no número de receitas, de leitores, de ouvintes ou espectadores, portanto, na cifra de venda e no lucro em dinheiro” (p.105).

O campo se constituiu no século XIX com duas correntes antagônicas que o disputavam, uma de princípio “sensacionalista” e outra marcada por valores de objetividade (Bourdieu, 1997). Entre as “regras desse jogo” dois são os principais indicadores de legitimidade: o primeiro é o supracitado reconhecimento da maioria; e o segundo se traduz pelo reconhecimento dos pares “concedido aos que reconhecem mais completamente os ‘valores’ ou os princípios internos” (p.105). Assim sendo:

Como o campo literário ou o campo ou o campo artístico, o campo jornalístico é então o lugar de uma lógica específica, propriamente cultura, que se impõe aos jornalistas através das restrições e dos controles cruzados que eles impõem uns aos outros e cujo respeito [...] funda as reputações de honorabilidade profissional (Idem).

Ele está altamente sujeito aos vereditos do mercado, como o campo político e o campo econômico, e na sua lógica interna a “concorrência pela clientela tende a tomar a forma de uma concorrência pela prioridade” (idem, p.106), que frequentemente busca os “furos” jornalísticos.



Outro efeito destacado pelo autor é “espionagem mútua” decorrente da concorrência “a fim de tirar proveito de seus fracassos, evitando seus erros, e de contrapor-se a seus sucessos, tentando tomar emprestados os *supostos* instrumentos de seus êxitos”. Essa concorrência acaba por favorecer uma “uniformidade da oferta” (p.108).

Todos esses aspectos do campo jornalístico foram identificados em nossa pesquisa, dificilmente havia um assunto veiculado em um jornal que o outro não abordasse. Caracterizando essa uniformidade da oferta pois as diferenças são sutis e estão no âmbito das estratégias de cada um para sua legitimação no campo (voltadas para o jornalismo de “sensações” ou de “objetividade”).

Por outro lado o campo educacional, apesar de altamente influenciado pelo jornalístico, possuiu *habitus* próprio. É amplo e diverso e é composto por regiões de fronteiras entre outros campos que disputam o campo educacional e, mais especificamente, disputam o objeto “qualidade da educação”. Alguns desses campos são: político, terceiro setor, sindical, pesquisa educacional e o jornalístico.

Desse modo, o campo educacional é um espaço amplo e heterogêneo, com regiões de fronteira que cruzam com outros campos mediante atores com trajetórias próprias e poder simbólico expresso em *habitus* incorporados, condizente com sua pertença a um determinado campo (intelectuais, professores, dirigentes sindicais, políticos etc.). Esses campos são interdependentes e cruzam as fronteiras do campo educacional à medida que seus atores reivindicam uma melhor concepção de educação, utilizando-se de estratégias de luta em que a visibilidade de seu capital específico permite ocupar posições de liderança, consubstanciada em consenso pedagógico (RICARDO FILHO, 2005, p.36).

É justamente na interseção entre vários campos, que por meio de uma rede se cruzam com o campo educacional, que “as lutas pelo controle da prescrição de uma *boa escola* são mais bem explicadas” (p.37). Sendo esse o principal aspecto do campo educacional que desejamos abordar.

Em outras palavras, nitidamente a disputa do objeto “educação de qualidade” (ou *boa escola*) se trava nos jornais e é conferida maior legitimidade aos agentes que transitam nas fronteiras dos diferentes campos.

A pesquisa de Ricardo Filho (2005) demonstra que agentes que não possuíam prestígio sob o *habitus* do campo universitário (ou da pesquisa educacional) atuam: no campo político (assumindo secretarias de educação); no terceiro setor (em movimentos como o “Todos pela Educação” e “Parceiros da educação carioca”); e no jornalístico. Conquistando legitimidade no campo educacional e sendo evocados como autoridades acima dos outros agentes do campo universitário.

Para Ricardo Filho (2005), que se baseia em Bourdieu, esse movimento vai criando uma *rede de legitimidade* que explica o tratamento da *boa escola* na imprensa e mais especificamente na revista *Veja*, seu objeto de pesquisa. Explica ainda que o tema marcadamente polissêmico no campo universitário se apresenta como um consenso nas mídias.

O campo jornalístico, tão sujeito à lógica comercial, influencia os outros campos também nessa lógica. Minando a autonomia de produção cultural e:

Reforçando, no interior de cada um deles, os agentes ou as empresas que estão mais propensos a ceder à sedução dos lucros “externos” porque menos ricos em capital específico (científico, literário etc.) e estão menos seguros dos lucros específicos que o campo lhes garante imediatamente ou em prazo mais ou menos longo (BOURDIEU, 1997, p.111).

A influência desse campo nos outros se desenvolve na atuação dos seus agentes que desempenham diferentes papéis na fronteira entre campos, como *jornalista/intelectual* (*idem*), *jornalista/secretário de educação* e *jornalista/diretor de entidades sem fins lucrativos*, citando somente alguns exemplos.

## Considerações finais

Na nossa pesquisa, assim como no trabalho de Ricardo Filho (2005), a rede de legitimidade e esses *jornalistas-intelectuais-gestores públicos* foram identificados. A escola de *qualidade* defendida por eles: é eficiente (menos recursos para mais resultados); é meritocrática (atribui prêmios para os “melhores”); realiza constantes parcerias com entidades do 3º setor e outras instituições privadas; tem um currículo padronizado e; pode e deve ser submetida frequentemente a exames de desempenho dos alunos.

No nosso *corpus* não foi encontrada nenhuma posição divergente. E não é por coincidência que essa escola de *qualidade* segue os preceitos do neoliberalismo, já que se sujeita às sanções do mercado. Adota o modelo escolar do Reino Unido instituído com o Ato educacional de 1988 (*Education Reform Act 1988*) apesar de serem apresentados como inovações.

No termo de uma reviravolta simbólica baseada na naturalização dos esquemas do pensamento neoliberal, cuja dominação se impôs nos últimos vinte anos, graças ao trabalho de sapa dos *think tanks* conservadores e de seus aliados nos campos político e jornalístico, a remodelagem das relações sociais e das práticas culturais das sociedades avançadas em conformidade com o padrão norte-americano, apoiado na pauperização do Estado, mercantilização dos bens públicos e generalização da insegurança social, é aceita atualmente com resignação como o desfecho obrigatório das evoluções nacionais quando não é celebrada com um entusiasmo subserviente que faz lembrar estranhamente a “febre” pela América que, há meio século, o plano Marshall tinha suscitado em uma Europa devastada (BOURDIEU, 2010, p.19).

Por fim, podemos concluir afirmando que essa qualidade da educação (intimamente relacionada com a avaliação educacional) objeto de disputa do campo educacional é impulsionada no campo jornalístico pelos agentes da rede de legitimidade. E atuando em outros campos contribuem para a mudança do senso comum (APPLE, 2005) e re-imaginação da sociedade civil (BALL, 2006) a fim de impor valores de mercado (como competitividade, liberdade de comprar e democracia do consumidor) à provisão dos serviços públicos, inclusive de educação.

## Referências

- ANDI. **A Educação na Imprensa Brasileira**. Disponível em:  
[http://www.andi.org.br/\\_pdfs/A\\_Educacao\\_na\\_Imprensa\\_22\\_nov.pdf](http://www.andi.org.br/_pdfs/A_Educacao_na_Imprensa_22_nov.pdf). 2005.
- ANDI. **A infância na mídia**. Disponível em:  
[http://www.andi.org.br/sites/default/files/Pesqinf1o98\\_0.pdf](http://www.andi.org.br/sites/default/files/Pesqinf1o98_0.pdf). 1997.
- APPLE, M. **Para além da lógica do mercado: Compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo**. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005.
- APPLE, M. **Educando à Direita**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire. 2003.
- ARROYO, M. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. **Em aberto**. Brasília. ano 11, n.53. p.46-53. jan/mar 1992.
- BALL, S. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa críticosocial: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.2, pp.10-32, Jul/Dez 2006.
- BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900 – 2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, M. C. L. Publicações feministas do CFEMEA: análise de conteúdo do Jornal Fêmea. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. spe, Dec. 2004 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000300016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000300016&lng=en&nrm=iso)>. access on 24 May 2010. doi: 10.1590/S0104-026X2004000300016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2010.
- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 11. Ed. – Petrópoli, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **PDE : Plano de Desenvolvimento da Educação : SAEB : ensino médio : matrizes de referência, tópicos e descritores.** Brasília : MEC, SEB; Inep, 2008.

ENQUITA, M. F. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In: GENTILI, P. A. A. SILVA, T. T. (Org) **Neoliberalismo, qualidade total e educação.** Petrópolis: Editora Vozes, 1994. p.93-110.

ESTEBAN, M. T. A Avaliação no Cotidiano Escolar. In: ESTEBAN, M.T. (org.) **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos.** Rio de Janeiro, DP&A Editora, pp.7-28, 1999.

\_\_\_\_\_. **Silenciar a polissemia e invisibilizar os sujeitos: indagações ao discurso sobre a qualidade da educação.** *Rev. Port. de Educação.* [online]. 2008, vol.21, no.1, p.5-31. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-91872008000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872008000100002&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0871-9187.

\_\_\_\_\_. Dar voz, silenciar, tomar a palavra. Democratização e subalternidade na avaliação escolar cotidiana. **Ciclos em Revista v.4.** FETZNER, A. R. (org). Rio de Janeiro: Wak editora. 2008.

FERNANDES, C. O. **Escolaridade em ciclos: desafios para a escola do século XXI.** Rio de Janeiro: Wak Ed. 2009.

\_\_\_\_\_. Avaliação sem reprovação: elementos para o debate. **Ciclos em Revista v.4.** FETZNER, Andréa. Rosana. (org). Rio de Janeiro: Wak editora. 2008.

\_\_\_\_\_. **Fracasso escolar e escola em ciclos : tecendo relações históricas, políticas e sociais.** 28ª Reunião da ANPEd. GT 13 – Educação Fundamental. 2005.

\_\_\_\_\_. **A Escolaridade em Ciclos: práticas que conformam a escola dentro de uma nova lógica - a transição para a escola do século XXI.** Tese de doutorado. Orientador: Francisco Creso Franco Junior. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2003.

\_\_\_\_\_. **A organização da escolaridade em ciclos pode contribuir para uma melhor qualidade do ensino?** Revista **EDEMMAIS**, ano VII, n.12, p.12-15, set.2002.

\_\_\_\_\_. **A promoção automática na década de 1950: Uma revisão bibliográfica na RBEP.** 24ª Reunião da ANPEd. GT 13 – Educação Fundamental. 2001.

FERREIRA, V. C. P. **Modelos de gestão.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

FETZNER, A. R. **Falas docentes sobre a não-aprendizagem escolar nos ciclos.** Tese de doutorado. Orientadores: BEYER, Hugo Otto e PERONI, Vera Maria Vidal. Co-orientação: ESTEBAN, Maria Teresa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

FRANCO, C; FERNANDES, C; BONAMINO, A. **Avaliação na Escola e Avaliação da Educação: Possibilidades e Desafios.** In: CANDAU, Vera (org.). *Reinventar a Escola*, Ed. Vozes, 2000.

FRANCO, C. **O SAEB: Sistema de Avaliação da Educação Básica: potencialidades, problemas e desafios.** *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 127-133, maio/jun./jul./ago. 2001.

FRANCO, M. **Análise de conteúdo.** Brasília, 2ª edição: Líber Livro Editora, 2005.

FREITAS, L. C. et al. **Avaliação educacional: caminhando pela contramão**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREITAS, L. C. **Qualidade negociada: avaliação e contra-regulação da escola pública**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 911-933, Especial - Out. 2005.

GADOTTI, M. **O jornal na escola e a formação de leitores**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

GIROUX H. & SIMON R. **Cultura popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular**. In: MOREIRA, A. F & SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. 11. Ed. São Paulo: Cortez. 2009.

HOFFMANN, J. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KRUG, A. **Ciclos de Formação: uma proposta transformadora**. 2ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LAGE, Eloína Araújo; FREITAS, Maria Imaculada de Fátima; ACURCIO, Francisco de Assis. **Informação sobre medicamentos na imprensa: uma contribuição para o uso racional?**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, 2010. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000500016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000500016&lng=en&nrm=iso)>. access on 28 Feb. 2010. doi: 10.1590/S1413-81232005000500016.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo, Ed. Cortez, 10ª ed. 2000.

MOREIRA, A; KRAMER, S. **Contemporaneidade, educação e tecnologia**. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 100, Oct. 2007 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-)

73302007000300019&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Set. 2009. doi: 10.1590/S0101-73302007000300019.

OLIVEIRA, R; ARAUJO, G. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. **Revista Brasileira de Educação.**, Rio de Janeiro, n.28, Jan/Fev/Mar/Abr 2005.

PARO, V. H. Reprovação escolar? Não obrigado. **Estadão**. Disponível em <http://www.estadao.com.br/artigodoleitor/htm/2002/fev/15/151.htm> acessado em 20/05/2010.

PARO, V. H. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

PERRENOUD, P. Não mexa na minha avaliação! Uma abordagem sistêmica da mudança In: **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PRETTO, J. R. O estilo jornalístico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 38 (3): 481-491, set.-dez. 2009

RICARDO FILHO, G. S. **A boa escola no discurso da mídia**. São Paulo: Editora UNESP. 2005.

SANTOS, J. R., SOARES, P. R. R., FONTOURA, L. F. M. **Análise de conteúdo: a pesquisa qualitativa no âmbito da geografia agrária**. In: XXIV Encontro Estadual de Geografia. Santa Cruz do Sul - RS. UNISC. 2004.



## ANEXOS

### Anexo 1 – Unidades de análise

*O Dia*

Tipo: tema

Exemplo de Código: g\_010203

d= dia; 01= nº do texto por ordem de aparecimento no corpus ;02= nº da unidade de contexto por ordem de aparecimento no texto; 03= nº da unidade de registro por ordem de aparecimento no texto.

| UNIDADES DE ANÁLISE |  |   |
|---------------------|--|---|
| Código              | Unidade de contexto  | Unidade de registro   |
| d_010101            | Rio - Bônus para professores que baterem metas, premiação para alunos aprovados com boas notas, gratificação em dinheiro para profissionais que atuam em áreas de risco e contratação de centenas de universitários para dar aulas de reforço. Nem mesmo o orçamento apertado para este ano impediu o prefeito Eduardo Paes de reafirmar que a Educação do município começará o ano sem contenção de despesas.   | O ano letivo também terá incentivo direto para os alunos: a premiação em dinheiro para estudantes do último ciclo, criada por Cesar Maia no segundo semestre do ano passado, será mantida. Segundo decreto assinado pelo ex-prefeito, cada estudante receberá dois salários mínimos (R\$ 760) se passar de ano com conceito Muito Bom (MB). |
| d_020101            | Rio - O prefeito Eduardo Paes e a secretária municipal de Educação, Claudia Costin, participam nesta quinta-feira da primeira reunião do Parceiros da Educação Carioca, um conselho estratégico da sociedade civil idealizado para monitorar e cobrar o andamento dos programas da Secretaria de Educação. O evento será no Palácio da Cidade, às 10h.<br><br>O Parceiros da Educação Carioca será composto por 22 pessoas, entre especialistas em educação, intelectuais, | Os integrantes do Parceiros da Educação Carioca terão acesso a todos os indicadores e dados da Secretaria de Educação e vão se reunir, mensalmente, para acompanhar de perto os avanços no sistema de ensino municipal. O Parceiros da Educação Carioca também terá a incumbência de cobrar   |

|          |  |   |
|----------|--|---|
|          | <p>economistas, ex-prefeitos, representantes do Terceiro Setor, de instituições de ensino e de pesquisa. Na lista, estão nomes como o ex-prefeito Israel Klabin, o professor da FGV Marcelo Neri, o escritor Simon Schwartzman, o consultor da</p>   | <p>da Prefeitura o salto na qualidade de ensino proposto pela Prefeitura para a cidade do Rio de Janeiro.</p>   |
| d_020102 | <p>Cesgranrio Rubem Klein, os economistas Maria Silvia Bastos e André Urani, e o diretor da TV Globo Luís Erlanger.</p>  | <p>"Eles serão os fiscais da melhoria da qualidade do nosso ensino público", resume a secretária de Educação, Claudia Costin.</p>   |
| d_030101 | <p>Rio - Semana que vem a Prefeitura do Rio vai começar a medir o quanto aprenderam os alunos da rede municipal. Será aplicada terça-feira prova no 4º, 5º e 6º anos do Ensino Fundamental para identificar os analfabetos funcionais, que serão realfabetizados em turmas separadas. Dia 19, todos os 720 mil estudantes da rede farão exames de Português e Matemática que apontarão quem vai precisar de aulas de reforço em horário extra. A partir deste ano, haverá provões bimestrais com conteúdo único para todas as escolas.</p> | <p>esses provões bimestrais — elaborados pelos professores e pela secretaria — vão avaliar se o currículo escolar de cada série está sendo aplicado igualmente em todas as 1.042 unidades da rede. "A partir daí, vamos dar alunos e professores o apoio que eles precisam para ensinar e aprender em um único e bom nível", esclareceu o subsecretário de Educação, Álvaro Crispino.</p> |
| d_030102 |  | <p>"A prova do dia 10 será de Português e identificará aqueles alunos que lêem, mas não entendem, que são os analfabetos funcionais. Eles serão realfabetizados", explicou a secretária de Educação, Cláudia Costin. Esses alunos serão realocados em turmas especiais, onde vão reaprender a ler e, simultaneamente,</p>   |

|          |  |   |
|----------|--|---|
|          |  | receber o conteúdo da série em que está matriculado. Assim, não será preciso repetir o ano.   |
| d_030103 |  | Outra medida adotada pela Prefeitura do Rio para melhorar a qualidade do ensino é a criação do conselho de notáveis batizado de Parceiros da Educação Carioca.  |
| d_040101 | O 6º ano do Ensino Fundamental tem o maior número de analfabetos funcionais da rede municipal. Com base em prova de Português, semana passada, a Secretaria Municipal de Educação identificou 11.078 <u>alunos</u> capazes de identificar letras, mas sem condições de formar palavras e interpretar frases. Aos 11 anos, a idade-padrão, deveriam produzir redação, contar histórias e ler textos complexos. Incluindo as turmas de 4º e 5º anos, o total de analfabetos funcionais passam de 25 mil. Ontem, 635 mil alunos da rede voltaram a fazer provas de avaliação. | O desastre no 6º ano, segundo a secretária Cláudia Costin, é resultado da aprovação automática, implantada no governo Cesar Maia. Os alunos passavam automaticamente nos 4º e 5º anos, mas no 6º havia reprovação. "Houve represamento. Por isso, o analfabeto funcional ficava lá", observa. |
| d_040102 |  | A secretaria prepara para abril programa de realfabetização, com professores aposentados voluntários e <u>universitários</u> . O Instituto Ayrton Senna fará a <u>capacitação</u> .   |
| d_040103 |  | O Sepe já havia divergido da secretária sobre o peso da prova bimestral ao longo do ano, além dos testes aplicados pelos mestres. Cláudia queria que a  |

|          |   |   |
|----------|---|---|
|          |   | <p>prova bimestral, também elaborada pelo instituto, tivesse peso 2 na avaliação. Mas esta semana recuou, fixando peso 1. "A avaliação externa com peso 2 tirava a autonomia dos professores", pondera a coordenadora do Sepe Wíria Alcântara.</p>  |
| d_050101 | <p>- A Secretária Municipal de Educação, Claudia Costin, foi entrevistada por diretoras, professores, servidores, pais e alunos sobre as dificuldades nas escolas do município do Rio de Janeiro.</p> <p>Isabel Cristina Azevedo, diretora da Assis Chateaubriand</p> | <p>O problema tem solução, mas a decisão cabe à escola. Podemos mandar novos professores alfabetizadores ou capacitar os próprios professores da escola através do Instituto Ayrton Senna.</p>  |
| d_050102 | <p>- A minha escola funciona do 6º ao 9º ano e temos analfabetos funcionais, com o agravante de não termos professores alfabetizadores. Para piorar, tenho turmas com até 42 alunos em sala de aula. Qual a solução para essas questões?</p>                          | <p>Para a rede de uma forma geral, vamos resolver definitivamente a lotação das turmas quando diminuirmos o déficit de professores.</p> <p>Fiquei feliz que, em ano de crise, conseguimos convocar 1.800 concursados e reduzir a carência, que era de 7 mil professores. No segundo semestre, vou pedir mais convocações.</p> |
| d_050103 |   | <p>Acho que os professores vão querer trabalhar nas Escolas do Amanhã, que ficam justamente nas áreas de risco, onde há mais carência, pois o bônus é maior: a equipe escolar (merendeira, coordenador, professor) que conseguir superar metas de aprendizado</p>   |

|          |   |   |
|----------|---|---|
|          |   | receberá 14º salário; os da Escolas do Amanhã ganharão, além disso, mais meio salário.  |
| d_050201 | <p>Nilma Santos Fontanive, do Todos Pela Educação</p> <p>- O que a secretaria está fazendo para atingir a meta da alfabetização, que propõe que todas as crianças têm que saber ler e escrever aos 8 anos?</p>  | <p>Por isso as avaliações são fundamentais, elas nos apontam os problemas pontuais de cada criança dando ao professor o caminho para corrigi-los. No começo do segundo ano, aplicaremos a Provinha Brasil, do MEC, e, no fim dessa série, uma avaliação independente para saber se a alfabetização está concluída.</p>  |
| d_060101 | <p>Rio - Os servidores municipais de Educação que tiveram mais de cinco faltas por ano, ainda que justificadas, inclusive licenças, não vão receber o 14º salário da prefeitura, mesmo que as escolas onde atuam cumpram as metas para ganhar a premiação. O abono vai ser calculado em cima do valor integral dos vencimentos e dado a diretores, professores, serventes e merendeiras. O critério para a premiação vai ser o aumento da nota dos estudantes na avaliação bianual do Ministério da Educação (MEC). Por isso, o dinheiro só entrará no contracheque, no início do ano que vem, quando for divulgado o resultado pela União.</p> | <p>A estratégia da prefeitura de incluir na premiação do 14º salário serventes e merendeiras dos colégios que conseguirem melhorar já rendeu até reuniões para montar uma força-tarefa. Na Escola Joracy Camargo, na Vila Cruzeiro, que obteve Ideb 4,2, até os pais já foram avisados das metas que a unidade tem que alcançar. "Estamos confiantes que vamos atingir a nota exigida para a premiação", afirmou a diretora Telma da Silva.</p> |
| d_060102 |   | <p>A secretária de Educação, Claudia Costin, admite que, por conta da gratificação, deve aumentar uma procura dos servidores</p>  |

|          |  |  |
|----------|--|--|
|          |  | <p>por escolas que conseguem aumentar seu Ideb. "Lógico que vai ter isso. É natural. Os professores vão querer migrar para escolas mais bem gerenciadas, que conseguem a premiação", afirmou ela.</p>  |
| d_080101 | <p>Ainda não está bom, mas já começa a sair do fundo do poço. Alunos do 5º ano da rede municipal de Educação do Rio melhoraram seu desempenho em Português e Matemática. Os do 9º ano, no entanto, só evoluíram na primeira disciplina. Em Matemática, notas do simuladão realizado este mês mostraram que caiu o rendimento em comparação com a última Prova Brasil, aplicada pelo MEC em 2007.</p>   | <p>A secretária de Educação, Cláudia Costin, culpa o sistema de aprovação automática da gestão passada: "Os alunos do último ciclo ficaram muito tempo sem fazer avaliação, especialmente de Matemática".</p>  |
| d_090101 | <p>Rio - Dez mil e quatrocentos alunos das turmas de realfabetização da rede municipal vão chegar ao fim do ano com orgulho do boletim. Eles são 80% dos 13 mil <u>estudantes</u> do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental que, em cinco meses, passaram de analfabetos funcionais a exímios leitores. Em 2010, o desafio continua: eles farão parte de classes especiais de aceleração de aprendizado, para reduzir a defasagem idade-série, fazendo dois anos letivos em um. O anúncio foi feito ontem pela secretária municipal de Educação, Cláudia Costin.</p> | <p>Ontem, primeiro dia da Prova Rio, 126.966 estudantes do 3º e 7º anos responderam a 40 questões de Português e Matemática. A proposta é criar o Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio, para servir de base à premiação anual de professores e funcionários.</p> |
| d_090102 |  | <p>A secretária reconheceu deficiências: "Frações e porcentagens são um grande problema, reflexo da extinta aprovação automática. E em Português não vi progressos, o que preocupa".</p>   |

|          |  |   |
|----------|--|---|
| d_100101 | <p>– Moacyr Goes: Um avanço na educação</p> <p>Diretor de teatro e cineasta</p>  | <p>Rio - Claudia Costin é a melhor coisa que acontece na gestão da prefeitura do Rio de Janeiro. Sua Secretaria de Educação detém uma avaliação precisa das dificuldades enfrentadas na sala de aula, por alunos e professores, do histórico das mazelas e possui uma proposição avançada de atuação.</p> |
| d_110101 | <p>Rio - Alunos do 2º ao 9º ano da rede municipal de ensino do Rio que forem reprovados terão uma nova chance para não perderem o ano letivo. Quem tirar conceito I (de insuficiência) em uma ou mais disciplinas fará uma apostila de exercícios nas férias e novas provas na volta às aulas. Se aprovados, pulam para a série seguinte. Segundo a secretária municipal de Educação, Cláudia Costin, a apostila será devolvida no reinício do ano letivo. Esses alunos também serão</p> | <p>Na média geral, os do 7º e 8º ano andaram para trás, com médias que foram despencando ao longo das provas bimestrais de Português e Matemática. A última avaliação foi feita por 435.899 dos 485.161 alunos do 2º ao 9º ano de 981 escolas.</p>  |
| d_110102 | <p>submetidos a provas de Português, Matemática, e da matéria em que tiverem sido reprovados.</p>  | <p>“A instrumentalização dos professores e a avaliação constante para ver se os alunos estão <u>aprendendo</u> devem ser uma prática permanente, com o acompanhamento dos pais ou responsáveis, inclusive pela Internet, na hora e no local que quiserem”, completou Cláudia.</p>                         |
| d_110103 |  | <p>Os que apresentaram melhora mais significativa foram os estudantes do 5º ano tanto das unidades comuns — em que a média global foi de 7,2</p>  |

|          |  |   |
|----------|--|---|
|          |  | — como nas 150 Escolas do Amanhã, que ficam em áreas violentas da cidade. Ali, onde o ensino é em horário integral, a média foi de 7.1. A direção do Ciep Glauber Rocha, na Pavuna, foi o destaque nessa série. Seus alunos mantiveram a nota acima de nove nos dois bimestres.   |
| d_110201 | Felizes por servirem de exemplo, as diretoras das duas outras escolas que obtiveram os melhores resultados na terceira prova bimestral revelam suas receitas para alavancar a performance dos alunos.  | Construída entre as favelas do Roia e Antares, o Ciep 1º de Maio supera diariamente a realidade violenta da região para oferecer um ensino de qualidade aos seus quase 600 alunos. "Mostramos diariamente a eles e à comunidade que a educação é e sempre será a porta de entrada do sucesso. Nossos 36 professores não ficam sentados, lamentando as dificuldades, eles trabalham", ensina a diretora Sueli Pontes Gaspar. A unidade foi destaque entre as 150 Escolas do Amanhã nos 2º, 3º e 5º anos. |
| d_120101 | Rio - No primeiro ano sem a aprovação automática, o Município do Rio vai reprovar 49.325 alunos do 3º ao 9º ano por nota e frequência, o que equivale 11,30% da rede, que tem 436.313 matriculados. Outros 55.839, que representam 12,69%, vão fazer segunda época. O número de reprovados não inclui os 28 mil estudantes analfabetos funcionais, que passam por programa | A secretária municipal de Educação, Claudia Costin, disse que a quantidade de alunos reprovados era esperada, por causa das deficiências provocadas no aprendizado após a aprovação automática, que entrou em vigor na gestão Cesar Maia. "Se a gente não tivesse feito   |



|          |                                       |   |
|----------|---------------------------------------|---|
|          | especial de aprendizagem nas escolas. | o processo de realfabetização, esse número de repetência seria bem maior.   |
| d_120102 |                                       | Costin ainda informou que a Escola Municipal Nova Holanda, também na Maré, vai ganhar um novo prédio em fevereiro. "A Nova Holanda tem ótima qualidade de ensino, mas uma péssima estrutura física. Por isso, os estudantes vão ganhar um novo prédio de presente de Natal", conta. |

Tipo: tema

Exemplo de Código: g\_010203

g= globo; 01= nº do texto por ordem de aparecimento no corpus ;02= nº da unidade de contexto por ordem de aparecimento no texto; 03= nº da unidade de registro por ordem de aparecimento no texto.

| UNIDADES DE ANÁLISE |   |   |
|---------------------|---|---|
| Código              | Unidade de contexto   | Unidade de registro   |
| g_010101            | Segundo o presidente-executivo do movimento, Mozart Neves Ramos, a questão que demandará mais esforços das políticas públicas do município diz respeito à qualidade do ensino. Segundo ele, o aumento observado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2005 para 2007 decorreu, em grande medida, "de uma aprovação automática".<br>"Se você aprova sem o aluno aprender, na verdade isso é, simplesmente, empurrar o problema para mais adiante. Então, não adiantou ele ter feito o curso regular, ter sido aprovado, mas não ter conseguido aprender aquilo que se esperava ao fim de cada uma das etapas | Segundo o presidente-executivo do movimento, Mozart Neves Ramos, a questão que demandará mais esforços das políticas públicas do município diz respeito à qualidade do ensino. Segundo ele, o aumento observado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2005 para 2007 decorreu, em grande medida, "de uma aprovação automática". |
| g_010102            |   | Para ele, é preciso que o   |

|          |  |  |
|----------|--|--|
|          | <p>do ensino fundamental 1 e 2 e ao fim do ensino médio. Nós lutamos para que haja aprovação, mas com aprendizagem", concluiu.</p> <p>Para ele, é preciso que o novo governo municipal faça um esforço no sentido de melhorar a qualidade do ensino. O maior entrosamento com a rede estadual de educação, por exemplo, poderá permitir que haja um sistema integrado de ensino no estado do Rio de Janeiro.</p>   | <p>novo governo municipal faça um esforço no sentido de melhorar a qualidade do ensino. O maior entrosamento com a rede estadual de educação, por exemplo, poderá permitir que haja um sistema integrado de ensino no estado do Rio de Janeiro.</p>  |
| g_010201 | <p>O ato simboliza o alinhamento entre a prefeitura e os demais setores da sociedade pela melhoria da educação no município. O Rio de Janeiro é a primeira capital a aderir formalmente ao movimento.</p> <p>O Todos pela Educação estabelece que todas as crianças e jovens de 4 a 17 anos devem estar na escola; toda criança deve ser plenamente alfabetizada até 8 anos; todo aluno deve ter o aprendizado adequado à sua série; todo jovem deve estar com o ensino médio concluído até os 19 anos; e o investimento em educação deve ser ampliado e bem gerido.</p>   | <p>O ato simboliza o alinhamento entre a prefeitura e os demais setores da sociedade pela melhoria da educação no município. O Rio de Janeiro é a primeira capital a aderir formalmente ao movimento.</p>  |
| g_020202 | <p>A grande preocupação é evitar a evasão escolar. Como isso vai acontecer?</p> <p>Então, é justamente por isso que nós, ao mesmo tempo em que retomamos a possibilidade de reprovação, temos nos assegurar de que qualquer problema de aprendizagem seja detectado precocemente. É importante que a gente saiba quem são as crianças que não estão aprendendo e até quem são os analfabetos funcionais. Porque existem crianças que estão, e isso professores me disseram, no quarto ano e ainda não sabem ler e escrever.</p> <p>Para as crianças que são analfabetas funcionais, que não sabem ler e escrever na quarta série, nós chamamos o instituto Ayrton Senna, para então haver classes especiais para essas crianças especificamente, para que elas possam, o quanto antes, voltar para a série</p> | <p>Para as crianças que são analfabetas funcionais, que não sabem ler e escrever na quarta série, nós chamamos o instituto Ayrton Senna, para então haver classes especiais para essas crianças especificamente, para que elas possam, o quanto antes, voltar para a série apropriada à sua idade.</p> |

|          |   |  |
|----------|---|--|
|          | apropriada à sua idade. Os outros vão ter recuperação no outro turno com a ajuda de monitores que vão vir de várias universidades cariocas.   |  |
| g_030101 | RIO - Uma reportagem assinada pelo jornalista Ruben Berta na edição desta segunda-feira em O GLOBO mostra que a secretária municipal de Educação, Cláudia Costin, decidiu criar uma iniciativa para tentar melhorar o desempenho de alunos em escolas de áreas de risco: mães de crianças e jovens de comunidades serão convidadas a atuar como auxiliares dos professores. A prefeitura dará uma ajuda de custo para transporte e alimentação. Isso depois de mais de seis mil estudantes tiveram o início do ano letivo prejudicado por causa de confrontos entre policiais e bandidos em Senador Câmara. | as escolas situadas em favelas puxam para baixo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) no Rio de Janeiro.   |
| g_030102 | Uma comissão foi formada com organizações não-governamentais como o AfroReggae e o Observatório de Favelas para a elaboração de projetos.   |  |
| g_030103 | Além de bônus expressivos para profissionais que atinjam metas e a implantação de um projeto de ciências já aplicado em muitas escolas particulares do Rio.   |  |
| g_030103 | (...)<br>A preocupação da secretária com os colégios em áreas de risco - existem 200 unidades na cidade do Rio, onde estudam cerca de cem mil alunos - não é à toa. Uma pesquisa inédita realizada pelo Observatório de Metrópoles da UFRJ, com o apoio da Faperj, mostra que as escolas situadas em favelas puxam para baixo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) no Rio de Janeiro. Enquanto no asfalto 35% das unidades apresentaram rendimento considerado baixo pelos pesquisadores (média menor que 4,3), nas comunidades, a porcentagem quase dobra: 64%.                           |  |
| g_030201 | A partir deste ano, Claudia Costin quer oferecer aos alunos matriculados nas escolas localizadas em áreas de risco um ensino diferenciado, com mais aulas de ciência e tecnologia e um novo projeto de alfabetização. Para fazer com que este conhecimento seja levado de fato aos colégios de áreas conflagradas, Claudia convidou a artista plástica Yvonne Bezerra de Mello para ser consultora da rede municipal. Yvonne, de 61 anos, que ganhou destaque no Brasil e no mundo  | Claudia convidou a artista plástica Yvonne Bezerra de Mello para ser consultora da rede municipal. Yvonne, de 61 anos, que ganhou destaque no Brasil e no mundo depois da chacina da Candelária, continua à frente de sua ONG - o Projeto Uerê, no |

|          |   |  |
|----------|---|--|
|          | <p>depois da chacina da Candelária, continua à frente de sua ONG - o Projeto Uerê, no Complexo da Maré - e dá expediente diário na secretaria, mostrando que conhece as dificuldades de ser educador em favela e sabe exatamente como vencer desafios.</p> <p>Há dez anos, quando implantou o Uerê na favela da Baixa do Sapateiro, na Maré, Yvonne criou uma metodologia de ensino específica para crianças, de 4 a 18 anos, com traumas constantes e problemas de aprendizado. O programa, que será implantado na rede municipal, experimentalmente em duas escolas, tem particularidades. Os alunos, por exemplo, são alfabetizados a partir da letra "M", considerada mais fácil de pronunciar e escrever. A cada novo fonema aprendido, os anteriores são repetidos nas frases, até que o aluno seja alfabetizado.</p> | Complexo da Maré   |
| g_040101 | <p>RIO - Na próxima terça-feira, a Secretaria municipal de Educação realizará um provão para identificar os alunos dos 4, 5 e 6 anos do ensino fundamental que são analfabetos funcionais (alfabetizados, mas incapazes de ler ou compreender textos). Os exames serão aplicados em parceria com o Instituto Ayrton Senna, e as crianças cujo atraso de aprendizado</p>   | Secretaria municipal de Educação realizará um provão para identificar os alunos dos 4, 5 e 6 anos do ensino fundamental que são analfabetos funcionais (alfabetizados, mas incapazes de ler ou compreender textos).  |
| g_040102 | <p>for comprovado serão remanejadas para turmas de realfabetização.</p>   | Os exames serão aplicados em parceria com o Instituto Ayrton Senna   |
| g_040201 | <p>Outra resolução anunciada pela secretária Cláudia Costin foi a mudança na forma de avaliação dos alunos da rede. A partir de agora, os estudantes passarão bimestralmente por uma prova padronizada, com peso 2, feita pelo órgão para ser aplicada em todos os colégios. Os testes feitos pelos professores passam a ter peso 1 no conceito que será emitido nos boletins.</p>  | A partir de agora, os estudantes passarão bimestralmente por uma prova padronizada, com peso 2, feita pelo órgão para ser aplicada em todos os colégios. Os testes feitos pelos professores passam a ter peso 1 no conceito que será emitido nos boletins. |
| g_050101 | <p>RIO - O Rio tem, na rede pública municipal de ensino, cerca de 25 mil analfabetos funcionais nos 4, 5 e 6 anos do ensino fundamental. Num universo de</p>  | O triste quadro da educação da cidade foi revelado num levantamento preliminar   |

|          |  |   |
|----------|--|---|
|          | <p>210 mil alunos, o número representa cerca 14%. O triste quadro da educação da cidade foi revelado num levantamento preliminar dos resultados do teste de português, realizado no dia 10 de março, para identificar o nível de alfabeização dos estudantes. O resultado completo, com as análises, será divulgado nos próximos dias pela Secretaria municipal de Educação.</p>   | <p>dos resultados do teste de português, realizado no dia 10 de março, para identificar o nível de alfabeização dos estudantes.</p>   |
| g_060101 | <p>RIO - O Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio (Sepe) decidiu, em assembleia na noite de quarta-feira, que os profissionais da rede municipal não vão corrigir o "Provão" - teste implementado pela Secretaria Municipal de Educação (SME) para avaliar os conhecimentos dos alunos da rede municipal em Português e Matemática - que foi realizado nesta quinta-feira em todas as escolas municipais do Rio. Os professores aplicaram normalmente os exames, mas não promoverão a correção dos mesmos, o que impedirá que a avaliação da SME sobre o desempenho dos alunos.</p> <p>(...)</p> <p>- Não acho que não vão corrigir. Mas, se assim decidirem, é uma pena ter professor que não eduque. Seria uma posição antiensino. Se isso acontecer, temos outros mecanismos - afirmou a secretária de Educação Claudia Costin, em entrevista à Rádio CBN. Ela disse ainda que os alunos tiveram 40 dias de aulas de revisão para fazerem o teste.</p> | <p>Prova pretende detectar alunos com dificuldades e aplicar recuperação paralela.</p>  |
| g_060201 | <p>No último dia 10, alunos do 4º ao 6º ano fizeram uma outra prova, apenas de português, para que a prefeitura detectasse estudantes com analfabetismo funcional, aquele que, apesar de saber ler e escrever, não entende o conteúdo do texto.</p> <p>Infelizmente os resultados são ruins e o número é muito elevado. Quatorze por cento do total dos alunos são analfabetos funcionais. É um numero inaceitável. São crianças entre 9 e 11 anos que passaram vários anos na escola - reclama Costin.</p>  | <p>Infelizmente os resultados são ruins e o número é muito elevado. Quatorze por cento do total dos alunos são analfabetos funcionais. É um numero inaceitável. São crianças entre 9 e 11 anos que passaram vários anos na escola - reclama Costin.</p> |
| g_070101 | <p>A secretaria municipal de Educação</p>  | <p>A prefeitura vai assinar</p>   |

|          |   |   |
|----------|---|---|
|          | apresentou nesta terça-feira os dados da avaliação feita em março com 460.453 alunos da rede do 3º ao 9º ano. Segundo a secretaria, 315 mil alunos precisam de reforço escolar em matemática e português. Desses, cerca de 28 mil estudantes são considerados analfabetos funcionais, isto é, estudantes que, mesmo com a capacidade de decodificar minimamente as letras, geralmente   | convênios com universidades públicas e privadas que ficarão responsáveis pelas aulas de reforço tanto dos analfabetos funcionais, quanto dos estudantes que precisam de aulas de reforço em matemática e português.   |
| g_070102 | frases, sentenças e textos curtos, não desenvolvem a habilidade de interpretação de textos. O total de alunos que precisam de reforço chega a 70% dos estudantes que participaram da avaliação. Os piores resultados ficaram nas 150 escolas localizadas em área de risco, que integram o projeto da prefeitura chamado "Escola do Amanhã".   | Para precisar de reforço escolar, os alunos tiraram regular ou insuficiente nessa prova, ou seja, são casos graves. As crianças que foram medianamente bem não estão com necessidade de reforço. Então é grave que metade da lista esteja com reforço - disse Cláudia.  |
| g_070203 | Esse problema, no entanto, só deverá ser resolvido no próximo ano. Na avaliação da coordenadora do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe), Maria Beatriz Lugão, os dados da avaliação dos estudantes mostram os erros da política de educação do governo anterior.   | Acho que é resultado de anos de descaso, como falta de professores, estrutura e violência, como também da prática da aprovação automática. Eles (gestão passada) fizeram um sistema de ciclos que, na verdade, era uma aprovação automática. O sistema de ciclo é interessante, mas não da maneira como foi feito - criticou Maria Beatriz. |
| g_080101 | RIO - Além da assinatura de um termo de compromisso para atingir as metas estabelecidas, os diretores das escolas se comprometeram, a pedido da secretária Claudia Costin, a garantir a presença de, pelo menos, 80% dos alunos da rede municipal no simulado de preparação para a Prova Brasil, no dia 6 de agosto. O exame nacional, que analisa o desempenho em língua portuguesa e matemática de estudantes do 5 ao 9 anos de escolas públicas, será aplicado de 19 | os diretores das escolas se comprometeram, a pedido da secretária Claudia Costin, a garantir a presença de, pelo menos, 80% dos alunos da rede municipal no simulado de preparação para a Prova Brasil Não adianta colocar os melhores para fazer a prova. Queremos   |

|          |   |  |
|----------|---|--|
|          | <p>a 30 de outubro pelo Ministério da Educação.</p> <p>- Os alunos não precisam ficar preocupados. Queremos saber a real situação de aprendizado da rede pública. Por isso, queremos que todos compareçam. Não adianta colocar os melhores para fazer a prova. Queremos melhorar a qualidade do ensino - disse Claudia Costin.</p>  | <p>melhorar a qualidade do ensino.</p>   |
| g_090101 | <p>RIO - Incentivo financeiro para melhorar a qualidade do ensino nas escolas que gastarem menos e um salário a mais para professores que aumentarem o desempenho dos alunos. Essas são algumas das metas de um plano anunciado ontem pela Secretaria municipal de Educação, para melhorar os resultados da rede pública do Rio.</p> <p>(...)</p> <p>Para medir a evolução dos alunos, será criado um sistema de avaliação, o Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio (IDE-Rio).</p> | <p>O MEC tem um bom instrumento para medir a qualidade da educação, o Ideb. Acontece que a avaliação tem que ser feita todo ano, mas o índice nacional só sai a cada dois anos. Então, aplicaremos a Prova Rio junto com a Prova Brasil. Assim, construiremos uma base do IDE-Rio, que em 2010 será comparado com 2009, e assim por diante.</p>    |
| g_090102 | <p>- O MEC tem um bom instrumento para medir a qualidade da educação, o Ideb. Acontece que a avaliação tem que ser feita todo ano, mas o índice nacional só sai a cada dois anos. Então, aplicaremos a Prova Rio junto com a Prova Brasil. Assim, construiremos uma base do IDE-Rio, que em 2010 será comparado com 2009, e assim por diante - disse a secretária Claudia Costin, que anunciou o plano ao lado do prefeito Eduardo Paes.</p>  | <p>O bônus é para melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Todos os funcionários assíduos das escolas que atingirem uma melhoria de 25% no ensino do 1 ao 5 anos e de 17% no ensino do 6 ao 9 anos receberão, no fim do ano, um salário a mais. No caso de escolas em comunidades violentas, eles receberão um salário e meio.</p> |
| g_090201 | <p>O secretário da Casa Civil, Pedro Paulo, anunciou ainda o projeto Choque de Resultados. A meta é fazer com que cada escola corte despesas e evite desperdícios, recebendo uma verba de acordo com a economia feita, para investir em projetos pedagógicos. A análise será mensal.</p>  | <p>A escola que economizar até 20% receberá 50% do valor que não foi gasto. De 20% a 50%, o retorno será de 80%; e mais de 50%, o valor a ser recebido será de 100%. Atualmente, a</p>   |

|          |  |  |
|----------|--|--|
|          | - A escola que economizar até 20% receberá 50% do valor que não foi gasto. De 20% a 50%, o retorno será de 80%; e mais de 50%, o valor a ser recebido será de 100%. Atualmente, a secretaria gasta R\$ 65 milhões com concessionárias (água, luz etc). O objetivo é reduzir esse gasto em 40% - disse ele.   | secretaria gasta R\$ 65 milhões com concessionárias (água, luz etc). O objetivo é reduzir esse gasto em 40% - disse ele.   |
| g_100101 | RIO - Os alunos da rede municipal melhoraram seu desempenho, mas ainda há muito o que aprender. Essa foi a lição tirada com o resultado do simulado da Prova Brasil, divulgado na terça-feira pela Secretaria municipal de Educação (SME). Participaram do teste, aplicado no dia 2 de setembro, a 95.706 dos 108.217 alunos do 5º e do 9º ano do Ensino Fundamental, que apresentaram melhora em matemática. Em português, os alunos do 9º ano tiveram resultado pior em relação à última prova bimestral, mas os do 5º ano conseguiram desempenho superior.  | Participaram do teste, aplicado no dia 2 de setembro, a 95.706 dos 108.217 alunos do 5º e do 9º ano do Ensino Fundamental, que apresentaram melhora em matemática. Em português, os alunos do 9º ano tiveram resultado pior em relação à última prova bimestral, mas os do 5º ano conseguiram desempenho superior.   |
| g_100102 | - Além de trabalharmos com textos maiores, os alunos de 9º ano acumularam déficit. Pegaram os efeitos da aprovação automática: foram sendo passados para frente com déficit de aprendizado - disse Costin.   | - Além de trabalharmos com textos maiores, os alunos de 9º ano acumularam déficit. Pegaram os efeitos da aprovação automática: foram sendo passados para frente com déficit de aprendizado - disse Costin.   |
| g_110101 | Secretária aposta em salto de qualidade<br>Além da ampliação da rede de creches, as metas estipuladas pela prefeitura para a educação representam, nas palavras de Cláudia Costin, "um salto de qualidade no ensino". A pasta espera atingir e até superar, até 2013, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) proposto pelo MEC para o município: nota média de 5,3 para os anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1 ao 5 ano) e de 4,6 para os finais (6 ao 9). Em 2007, as médias foram, respectivamente, de 4,5 e 4,3. Além disso, pretende-se chegar ao fim de 2013 com 95% das crianças com 7 anos alfabetizadas, contra o índice atual de | as metas estipuladas pela prefeitura para a educação representam, nas palavras de Cláudia Costin, "um salto de qualidade no ensino". A pasta espera atingir e até superar, até 2013, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) proposto pelo MEC para o município: nota média de 5,3 para os anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1 ao 5 ano) e de 4,6 para os finais (6 ao 9). |



|          |   |   |
|----------|---|---|
|          | <p>62%.</p> <p>Entre os instrumentos traçados no PPA para atingir essas metas está ainda a criação de 10 mil novas vagas na pré-escola, hoje com 85 mil matriculados. Doutora em educação e professora de práticas de ensino da educação infantil da UFRJ, Patrícia Corsino aplaude a proposta de criação de vagas em creches e pré-escolas públicas, mas ressalta que o serviço precisará ter qualidade. Atento a isso, o PPA prevê a qualificação de 1.200 profissionais das creches com, no mínimo, o chamado curso normal, de nível médio. Essa qualificação, segundo Cláudia Costin, será feita a partir de parceria com o MEC e com o governo estadual.</p> |   |
| g_110201 | <p>Segundo Cláudia Costin, não foram fixadas metas para a reprovação porque, devido ao sistema de aprovação automática existente até o ano passado, não há parâmetros seguros para avaliar o problema atualmente. Com as ações de melhoria da qualidade do ensino, a secretaria considera que haverá reflexos positivos sobre a taxa de evasão escolar. A prefeitura preferiu não se pronunciar quanto às críticas de vereadores sobre o formato e a falta de precisão dos dados do Plano Plurianual (PPA).</p>   | <p>Com as ações de melhoria da qualidade do ensino, a secretaria considera que haverá reflexos positivos sobre a taxa de evasão escolar.</p>                            |
| g_120101 | <p>RIO - Estudantes de escolas municipais do Rio de Janeiro vão fazer nesta quinta-feira a Prova Rio, que passará a medir, a cada ano, o desenvolvimento da educação no município. Ao todo, 126.966 alunos do 3º e 7º Anos do Ensino Fundamental serão avaliados em Português e Matemática. A Prova Rio vai gerar o Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio de Janeiro (IDE-Rio), que além de medir o desenvolvimento escolar dos alunos, servirá de base para a premiação anual dos professores e funcionários das escolas, dentro do Termo de Compromisso de Desempenho Educacional, assumido pela rede para melhorar o ensino.</p>                        | <p>Estamos trabalhando para dar um salto de qualidade na Educação do Rio. Essa avaliação é fundamental para avaliar o desenvolvimento dos alunos e do nosso ensino.</p> |
| g_130101 | <p>RIO - Alunos de 658 escolas municipais do Rio de Janeiro realizaram nesta</p>  | <p>A Secretaria Municipal de Educação decidiu</p>   |

|          |  |  |
|----------|--|--|
|          | <p>quinta-feira a Prova Rio, criada pela prefeitura para avaliar, todos os anos, o desempenho dos estudantes nas disciplinas de português e matemática. No dia 3 de novembro, o exame será aplicado ao restante das escolas municipais do Rio. A prova foi produzida pelo Centro de Seleção e de Promoção de Eventos da Universidade de Brasília (Cespe), ligado à Universidade de Brasília (UnB) e também será avaliada pela entidade.</p>  | <p>aplicar a Prova Rio para os alunos do 3° e 7° Anos, uma vez que daqui a dois anos eles serão os estudantes que deverão fazer a Prova Brasil. Dessa maneira, será possível acompanhar o desenvolvimento dessas crianças no período e reunir subsídios para definir medidas voltadas à melhoria da qualidade do ensino.</p> |
| g_140101 | <p>RIO - Será realizada nesta terça-feira a segunda rodada da Prova Rio em 317 escolas da rede municipal. O desempenho dos estudantes no exame vai gerar o Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio de Janeiro (IDE-Rio), lançado em maio deste ano. Os números servirão de base para a premiação anual dos professores e funcionários das escolas, uma espécie de 14° salário. O objetivo do IDE-Rio é melhorar o ensino nas escolas.</p>   | <p>Vai mostrar, ainda, o quanto professores e as equipes de cada escola trabalharam para melhorar a aprendizagem de nossas crianças - afirma a secretária Claudia Costin.</p>  |
| g_140201 | <p>Na quinta-feira (29), foi realizada a primeira etapa da prova. Alunos da Escola municipal Camilo Castelo Branco, no Jardim Botânico, na Zona Sul, comentaram suas impressões sobre o exame, mas, de maneira geral, aprovaram a iniciativa.</p> <p>- Quem não estudou, se ferrou", sintetizou o estudante Diogo Sancti, de 13 anos. "Acho que com isso o ensino pode melhorar e a gente vai estar mais preparado - completa.</p> <p>- Vai poder ajudar a gente no futuro, no trabalho - concorda a aluna Caroline Leite, 13.</p> <p>- Achei a prova média. Foi múltipla escolha e português tava mais fácil, mas matemática tava complicado - observa Carina Vieira, de 12 anos, que quer prestar vestibular para medicina. Mas há ainda quem desconfie da eficácia do</p> | <p>- Quem não estudou, se ferrou", sintetizou o estudante Diogo Sancti, de 13 anos. "Acho que com isso o ensino pode melhorar e a gente vai estar mais preparado - completa.</p>   |

|  |   |  |
|--|---|--|
|  | <p>exame:</p> <p>– Eu, na verdade, acho que não vai fazer diferença - diz Byatrz Felix, 12.</p> |  |
|--|---|--|

## Anexo 2 – Categorias de análise (síntese e quantificação)

| CATEGORIAS DE ANÁLISE   |                                   |
|---|-----------------------------------|
| <b>1) Concepções de qualidade da educação:</b>  | Unidades de registro (quantidade) |
| <b>1.1 - Resultados em grandes exames, índices e indicadores</b>  |                                   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>– IDEB alto é sinônimo de qualidade do ensino;</li> <li>– A elevação de notas em grandes exames significa o aumento da qualidade;</li> <li>– O IDE-Rio deve medir a qualidade se espelhando no IDEB;               <ul style="list-style-type: none"> <li>– Melhorar taxa de evasão é melhorar a qualidade;</li> </ul> </li> <li>– É possível cobrar qualidade por meio de indicadores e dados.</li> </ul>   | 8                                 |
| <b>1.2 - Eficiência e gerenciamento</b>   |                                   |
| <p>Gastar menos e fazer mais para melhorar o ensino;<br/>As escolas melhores colocadas nos <i>rankings</i> são de qualidade porque são bem gerenciadas.</p>   | 4                                 |
| <b>2) Estratégias para alcançar a qualidade da educação:</b>  |                                   |
| <b>2.1 - Parcerias com entidades do 3º setor e outras instituições privadas</b>   |                                   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alinhamento entre a prefeitura e os demais setores da sociedade pela melhoria da educação no município;</li> <li>• Serviços do Instituto Ayrton Senna para resolver o problema do analfabetismo funcional;               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Parcerias com ONG's para aumentar o IDEB;</li> </ul> </li> <li>• Conselho formado por economistas, diretor de televisão, representantes do 3º setor, políticos e pesquisadores para fiscalizar a melhoria da qualidade.</li> </ul>   | 9                                 |
| <b>2.2 - Instituição de um sistema integrado de ensino</b>  |                                   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrosamento entre rede estadual e municipal de ensino.</li> </ul>   | 1                                 |
| <b>2.3 - Meritocracia, sistema de bônus e premiação</b>   |                                   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bônus para funcionários de escolar que melhorarem os Índices (IDEB e IDE-Rio);</li> <li>• Incentivo financeiro para alunos com melhor desempenho escolar;               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bônus para garantir assiduidade dos funcionários;</li> <li>• Projetos especiais das escolas para receber a premiação;</li> </ul> </li> <li>• Melhor infraestrutura para escolar melhores colocadas no <i>ranking</i>.</li> </ul>  | 7                                 |
| <b>2.4 - Provas externas</b>  |                                   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Provas para justificar a implementação de políticas;               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Provas como estratégia para melhorar o ensino;                   <ul style="list-style-type: none"> <li>• Exames para padronizar os currículos;</li> </ul> </li> </ul> </li> <li>• Mostrar o quanto os professores e outros funcionários trabalharam para melhorar a aprendizagem.</li> <li>• As provas apontam os problemas pontuais de cada criança e avaliação precisa das dificuldades de sala de aula;</li> <li>• Avaliação da aprendizagem constante com o acompanhamento dos responsáveis, inclusive pela Internet;</li> <li>• Prova para estabelecer o número de analfabetos funcionais e alunos com necessidade de reforço;</li> <li>• Provas bimestrais da prefeitura para compor as notas do boletim escolar e</li> </ul> | 17                                |

|  |   |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>avaliar a aprendizagem do aluno;</li> <li>• Simulado para melhorar o desempenho na Prova Brasil;</li> <li>• Exames para avaliar o desenvolvimento da rede.</li> </ul> |   |
| <b>3) Justificativas para a "má" qualidade:</b>  |   |
| <b>3.1 - Aprovação automática e prova</b>  |   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• A culpa é da aprovação automática da gestão anterior;</li> <li>• Falta de avaliação principalmente de matemática e português na gestão anterior.</li> </ul>         | 6 |
| <b>3.2 - Infraestrutura, déficit de professores e violência</b>  |   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de infraestrutura, professores e violência.</li> </ul>  | 2 |

## Anexo 3 - Categorias de Análise com comentários

### Concepções de qualidade da educação:

| Representações sobre as concepções de qualidade da educação<br>Relacionado a resultados em grandes exames, índices ou indicadores  |  |          |    |
|--|--|----------|----|
| Unidades de registro   | Minhas considerações   | código   | nº |
| <p>Segundo o presidente-executivo do movimento, Mozart Neves Ramos, a questão que demandará mais esforços das políticas públicas do município diz respeito à qualidade do ensino.</p> <p>Segundo ele, o aumento observado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2005 para 2007 decorreu, em grande medida, "de uma aprovação automática".</p>                    | <p>Fala de qualidade e sem indicar claramente introduz uma ligação da qualidade com o IDEB. Ou seja, considera que a prefeitura terá um desafio porque com o fim da "aprovação automática" o IDEB tende a cair, já que entre os indicadores está a taxa de aprovação.</p> <p>Assim, quando diz que "a questão que demandará mais esforços das políticas públicas do município diz respeito à qualidade do ensino" podemos substituir a preocupação com a qualidade pela preocupação com a queda do IDEB.</p> | g_010101 | 1  |
| <p>as escolas situadas em favelas puxam para baixo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) no Rio de Janeiro.</p>  | <p>IDEB baixo como causa de "má" qualidade. A justificativa para ações que visam melhorias nessa área, são os IDEB's baixos. <b>Apresenta o IDEB como indicador que guia ações da prefeitura.</b></p>  | g_030101 | 2  |
| <p>os diretores das escolas se comprometeram, a pedido da secretária Claudia Costin, a garantir a presença de, pelo menos, 80% dos alunos da rede municipal no simulado de preparação para a Prova Brasil Não adianta colocar os melhores para fazer a prova. Queremos melhorar a qualidade do ensino.</p>   | <p>Sobre o simulado da Prova Brasil. Ora, é conhecido que o uso dos simulados é uma estratégia para melhorar o desempenho em provas e não a aprendizagem.</p> <p>Dizer que com o simulado "queremos melhorar a qualidade do ensino" é dizer que a elevação das notas é o mesmo que elevação da qualidade.</p>  | g_080101 | 3  |
| <p>O MEC tem um bom instrumento para medir a qualidade da educação, o Ideb. Acontece que a avaliação tem que ser feita todo ano, mas o índice nacional só sai a cada dois anos. Então, aplicaremos a Prova Rio junto com a Prova Brasil. Assim, construiremos uma base do IDE-Rio, que em 2010 será comparado com 2009, e assim por diante.</p>                                      | <p>IDEB para medir a qualidade</p>   | g_090101 | 4  |
| <p>as metas estipuladas pela prefeitura para a educação representam, nas palavras de Cláudia Costin, "um salto de qualidade no ensino". A pasta espera atingir e até superar, até 2013, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) proposto pelo MEC para o município: nota média de 5,3 para os anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1 ao 5 ano) e de 4,6 para os</p> | <p>"Salto" de qualidade significa aumento do IDEB.</p>   | g_110101 | 5  |

|  |   |          |   |
|--|---|----------|---|
| finais (6 ao 9 ).  |   |          |   |
| Com as ações de melhoria da qualidade do ensino, a secretaria considera que haverá reflexos positivos sobre a taxa de evasão escolar.  | Melhorar a qualidade é melhorar a taxa de evasão escolar  | g_110201 | 6 |
| Estamos trabalhando para dar um salto de qualidade na Educação do Rio. Essa avaliação é fundamental para avaliar o desenvolvimento dos alunos e do nosso ensino.   | Ligação do "salto de qualidade" à avaliação do desenvolvimento dos alunos (leia-se desempenho).       | g_120101 | 7 |
| Os integrantes do Parceiros da Educação Carioca terão acesso a todos os indicadores e dados da Secretaria de Educação e vão se reunir, mensalmente, para acompanhar de perto os avanços no sistema de ensino municipal. O Parceiros da Educação Carioca também terá a incumbência de cobrar da Prefeitura o salto na qualidade de ensino proposto pela Prefeitura para a cidade do Rio de Janeiro. | Está implícito que é possível, somente por meio de indicadores e dados, cobrar um salto de qualidade. | d_020101 | 8 |

| Representações sobre as concepções de qualidade da educação<br>Relacionado ao grau de investimento de recursos (materiais ou humanos), eficiência e gerenciamento   |  |          |    |
|---|--|----------|----|
| Unidades de registro  | Minhas considerações   | código   | nº |
| A escola que economizar até 20% receberá 50% do valor que não foi gasto. De 20% a 50%, o retorno será de 80%; e mais de 50%, o valor a ser recebido será de 100%. Atualmente, a secretaria gasta R\$ 65 milhões com concessionárias (água, luz etc). O objetivo é reduzir esse gasto em 40% - disse ele.  | Fazer mais com menos recursos.                                     | g_090201 | 1  |
| A secretária de Educação, Claudia Costin, admite que, por conta da gratificação, deve aumentar uma procura dos servidores por escolas que conseguirem aumentar seu Ideb. "Lógico que vai ter isso. É natural. Os professores vão querer migrar para escolas mais bem gerenciadas, que conseguirem a premiação", afirmou ela.  |  | d_060102 | 2  |
| Os que apresentaram melhora mais significativa foram os estudantes do 5º ano tanto das unidades comuns — em que a média global foi de 7,2 — como nas 150 Escolas do Amanhã, que ficam em áreas violentas da cidade. Ali, onde o ensino é em horário integral, a média foi de 7.1. A direção do Ciep Glauber Rocha, na Pavuna, foi o destaque nessa série. Seus alunos mantiveram a nota acima de nove nos dois bimestres. | Aqui a direção aparece como responsável pelo "sucesso" nos exames. | d_110103 | 3  |
| <i>Construída entre as favelas do Rola e Antares, o Ciep</i>  | Diretora ensinando a   | d_110201 | 4  |

|   |                              |  |
|---|------------------------------|--|
| <p><i>1º de Maio supera diariamente a realidade violenta da região para oferecer um ensino de qualidade aos seus quase 600 alunos. "Mostramos diariamente a eles e à comunidade que a educação é e sempre será a porta de entrada do sucesso. Nossos 36 professores não ficam sentados, lamentando as dificuldades, eles trabalham", ensina a diretora Sueli Pontes Gaspar. A unidade foi destaque entre as 150 Escolas do Amanhã nos 2º, 3º e 5º anos.</i></p> | <p>"receita" do sucesso.</p> |  |
|---|------------------------------|--|

Estratégias

| <p>Estratégias para melhorar a qualidade da educação<br/>Relacionado à parcerias com entidades do 3º setor e outras instituições privadas</p>  |   |          |    |
|--|---|----------|----|
| Unidades de registro   | Minhas considerações  | código   | nº |
| <p>O ato simboliza o alinhamento entre a prefeitura e os demais setores da sociedade pela melhoria da educação no município. O Rio de Janeiro é a primeira capital a aderir formalmente ao movimento.</p>  |   | g_010201 | 1  |
| <p>Para as crianças que são analfabetas funcionais, que não sabem ler e escrever na quarta série, nós chamamos o instituto Ayrton Senna, para então haver classes especiais para essas crianças especificamente, para que elas possam, o quanto antes, voltar para a série apropriada à sua idade.</p> | <p>O analfabetismo funcional, ao menos no discurso, é um problema para a maioria das concepções de qualidade que encontramos.<br/>Reconhecido o problema, a SME contrata serviços do instituto Ayrton Senna.</p>  | g_020202 | 2  |
| <p>Uma comissão foi formada com organizações não-governamentais como o AfroReggae e o Observatório de Favelas para a elaboração de projetos.</p>   | <p>O problema é o baixo IDEB para resolver uma das estratégias é a parceria com as ONG's.</p>   | g_030102 | 3  |
| <p>Claudia convidou a artista plástica Yvonne Bezerra de Mello para ser consultora da rede municipal. Yvonne, de 61 anos, que ganhou destaque no Brasil e no mundo depois da chacina da Candelária, continua à frente de sua ONG - o Projeto Uerê, no Complexo da Maré</p>                             | <p>...</p>  | g_030201 | 4  |
| <p>Os exames serão aplicados em parceria com o Instituto Ayrton Senna</p>  | <p>Sobre a prova que criou o número de analfabetos funcionais</p>   | g_040102 | 5  |
| <p>"Eles serão os fiscais da melhoria da qualidade do nosso ensino público", resume a secretária de Educação, Claudia Costin.</p>  | <p>Se referindo ao "Parceiros da Educação Carioca" conselho formado por economistas,</p>  | d_020102 | 6  |
| <p>Outra medida adotada pela Prefeitura do Rio para melhorar a qualidade do ensino é a criação do conselho de notáveis batizado de Parceiros da Educação Carioca.</p>  | <p>empresários, representantes do 3º setor, políticos, diretor da globo e pessoas de instituições de pesquisa como FGV e Cesgranrio. Poderíamos fazer um paralelo com a "rede de legitimidade do Ricardo Filho. Assim como se expressa mais uma face da cultura de auditoria.</p> | d_030103 | 7  |



|   |   |          |   |
|---|---|----------|---|
| A secretaria prepara para abril programa de realfabetização, com professores aposentados voluntários e <u>universitários</u> . O Instituto Ayrton Senna fará a <u>capacitação</u> .                   |   | d_040102 | 8 |
| <b><i>O problema tem solução, mas a decisão cabe à escola. Podemos mandar novos professores alfabetizadores ou capacitar os próprios professores da escola através do Instituto Ayrton Senna.</i></b> | Capacitação do Instituto Ayrton Senna como solução. | d_050101 | 9 |

| Estratégias para melhorar a qualidade da educação<br>Relacionado à instituição um sistema integrado de ensino  |   |          |    |
|--|---|----------|----|
| Unidades de registro   | Minhas considerações  | código   | nº |
| Para ele, é preciso que o novo governo municipal faça um esforço no sentido de melhorar a qualidade do ensino. O maior entrosamento com a rede estadual de educação, por exemplo, poderá permitir que haja um sistema integrado de ensino no estado do Rio de Janeiro. | Forma identificada de melhorar a qualidade do ensino. Entrosamento entre rede estadual e municipal de ensino. | g_010102 | 1  |

| Estratégias para melhorar a qualidade da educação<br>relacionadas a meritocracia  |  |          |    |
|---|--|----------|----|
| Unidades de registro  | Minhas considerações   | código   | nº |
| Além de bônus expressivos para profissionais que atinjam metas e a implantação de um projeto de ciências já aplicado em muitas escolas particulares do Rio.   |  | g_030103 | 1  |
| O bônus é para melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Todos os funcionários assíduos das escolas que atingirem uma melhoria de 25% no ensino do 1 ao 5 anos e de 17% no ensino do 6 ao 9 anos receberão, no fim do ano, um salário a mais. No caso de escolas em comunidades violentas, eles receberão um salário e meio.                     | Bônus para melhorar o IDEB e garantir assiduidade.   | g_090102 | 2  |
| O ano letivo também terá incentivo direto para os alunos: a premiação em dinheiro para estudantes do último ciclo, criada por Cesar Maia no segundo semestre do ano passado, será mantida. Segundo decreto assinado pelo ex-prefeito, cada estudante receberá dois salários mínimos (R\$ 760) se passar de ano com conceito Muito Bom (MB).                     | Incentivo financeiro para alunos.  | d_010101 | 3  |
| <b><i>Acho que os professores vão querer trabalhar nas Escolas do Amanhã, que ficam justamente nas áreas de risco, onde há mais carência, pois o bônus é maior: a equipe escolar (merendeira, coordenador, professor) que conseguir superar metas de aprendizado receberá 14º salário; os da Escolas do Amanhã ganharão, além disso, mais meio salário.</i></b> | Bônus para superar metas de aprendizagem. Objetivamente, quais são os riscos desse tipo de política? | d_050103 | 4  |
| A estratégia da prefeitura de incluir na premiação do 14º salário serventes e merendeiras dos colégios que conseguirem melhorar já rendeu até reuniões para   | Mudança da rotina da escola para melhorar IDEB. Concordando com                                      | d_060101 | 5  |

|   |  |          |   |
|---|--|----------|---|
| <p>montar uma força-tarefa. Na Escola Joracy Camargo, na Vila Cruzeiro, que obteve Ideb 4,2, até os pais já foram avisados das metas que a unidade tem que alcançar. "Estamos confiantes que vamos atingir a nota exigida para a premiação", afirmou a diretora Telma da Silva.</p>               | <p>Apple, não devemos defender todas as práticas antigas da nossa escola pública frente às mudanças impostas pelas reformas neoliberais. Ou seja, a mudança da rotina da escola em si não se constitui em fator negativo, é preciso mudar essas rotinas, mas o objetivo não pode ser tão simplista como o aumento de um índice. É preciso mudar as rotinas para as crianças aprenderem e para combater o fracasso escolar.</p> |          |   |
| <p>Ontem, primeiro dia da Prova Rio, 126.966 estudantes do 3º e 7º anos responderam a 40 questões de Português e Matemática. A proposta é criar o Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio, para servir de base à premiação anual de professores e funcionários.</p>                          |  | d_090101 | 6 |
| <p><i>Costin ainda informou que a Escola Municipal Nova Holanda, também na Maré, vai ganhar um novo prédio em fevereiro. "A Nova Holanda tem ótima qualidade de ensino, mas uma péssima estrutura física. Por isso, os estudantes vão ganhar um novo prédio de presente de Natal", conta.</i></p> |  | d_120102 | 7 |

| Estratégias para melhorar a qualidade da educação<br>provas externas para fiscalizar e padronizar  |   |          |    |
|--|---|----------|----|
| Unidades de registro   | Minhas considerações  | código   | nº |
| <p>Secretaria municipal de Educação realizará um provão para identificar os alunos dos 4, 5 e 6 anos do ensino fundamental que são analfabetos funcionais (alfabetizados, mas incapazes de ler ou compreender textos).</p>   | <p>Prova padronizada para criar um número de analfabetos funcionais. Esse número guiará ações da SME.</p>   | g_040101 | 1  |
| <p>A partir de agora, os estudantes passarão bimestralmente por uma prova padronizada, com peso 2, feita pelo órgão para ser aplicada em todos os colégios. Os testes feitos pelos professores passam a ter peso 1 no conceito que será emitido nos boletins. As provas padronizadas passam a fazer parte do cotidiano e da avaliação da aprendizagem dos alunos no nível micro.</p> | <p>As provas padronizadas passam a fazer parte do cotidiano e da avaliação da aprendizagem dos alunos no nível micro.</p> <p>Obs.: essa relação dos pesos mudou posteriormente.</p>   | g_040201 | 2  |
| <p>O triste quadro da educação da cidade foi revelado num levantamento preliminar dos resultados do teste de português, realizado no dia 10 de março, para identificar o nível de alfabetização dos estudantes.</p>  | <p>Credibilidade nos números! Porém só alguns números que interessam, pois o número de defasagem de professores não é considerado com tanta frequência e nem colocado como motivo</p> | g_050101 | 3  |

|  |  |          |    |
|--|--|----------|----|
|  | para a "má" qualidade.   |          |    |
| Prova pretende detectar alunos com dificuldades e aplicar recuperação paralela.  | Sobre o "provão" que foi realizado depois da prova dos analfabetos funcionais.   | g_060101 | 4  |
| Infelizmente os resultados são ruins e o número é muito elevado. Quatorze por cento do total dos alunos são analfabetos funcionais. É um número inaceitável. São crianças entre 9 e 11 anos que passaram vários anos na escola - reclama Costin.   | Comentando o resultado do "provão".  | g_060201 | 5  |
| Para precisar de reforço escolar, os alunos tiraram regular ou insuficiente nessa prova, ou seja, são casos graves. As crianças que foram medianamente bem não estão com necessidade de reforço. Então é grave que metade da lista esteja com reforço - disse Cláudia.   |  | g_070102 | 6  |
| Participaram do teste, aplicado no dia 2 de setembro, a 95.706 dos 108.217 alunos do 5º e do 9º ano do Ensino Fundamental, que apresentaram melhora em matemática. Em português, os alunos do 9º ano tiveram resultado pior em relação à última prova bimestral, mas os do 5º ano conseguiram desempenho superior.   | Comenta resultados do simulado. Considero que existe uma visão equivocada, porém intencional, que confunde esse tipo de avaliação com avaliação da aprendizagem. Compara resultados da última prova bimestral com o simulado e determina se aprenderam mais ou menos. Tira do professor a função de avaliar a aprendizagem, autonomia. | g_100101 | 7  |
| A Secretaria Municipal de Educação decidiu aplicar a Prova Rio para os alunos do 3º e 7º Anos, uma vez que daqui a dois anos eles serão os estudantes que deverão fazer a Prova Brasil. Dessa maneira, será possível acompanhar o desenvolvimento dessas crianças no período e reunir subsídios para definir medidas voltadas à melhoria da qualidade do ensino.                   | O IDE-Rio como base para outras políticas em busca da qualidade.   | g_130101 | 8  |
| - Quem não estudou, se ferrou", sintetizou o estudante Diogo Sancti, de 13 anos. "Acho que com isso o ensino pode melhorar e a gente vai estar mais preparado - completa.  | Fala de estudante. Seria uma expressão da mudança do senso comum por meio da mídia, que impõe a visão de que fazendo prova o ensino vai melhorar?<br><br>A prova como estratégia para melhorar o ensino.   | g_140201 | 9  |
| esses provões bimestrais — elaborados pelos professores e pela secretaria — vão avaliar se o currículo escolar de cada série está sendo aplicado igualmente em todas as 1.042 unidades da rede. "A partir daí, vamos dar alunos e professores o apoio que eles precisam para ensinar e aprender em um único e bom nível", esclareceu o subsecretário de Educação, Álvaro Crispino. | Provas para padronizar os currículos.  | d_030101 | 10 |

|   |   |          |    |
|---|---|----------|----|
| <p>"A prova do dia 10 será de Português e identificará aqueles alunos que lêem, mas não entendem, que são os analfabetos funcionais. Eles serão realfabetizados", explicou a secretária de Educação, Cláudia Costin. Esses alunos serão realocados em turmas especiais, onde vão reaprender a ler e, simultaneamente, receber o conteúdo da série em que está matriculado. Assim, não será preciso repetir o ano.</p> |   | d_030102 | 11 |
| <p>O Sepe já havia divergido da secretária sobre o peso da prova bimestral ao longo do ano, além dos testes aplicados pelos mestres. Cláudia queria que a prova bimestral, também elaborada pelo instituto, tivesse peso 2 na avaliação. Mas esta semana recuou, fixando peso 1. "A avaliação externa com peso 2 tirava a autonomia dos professores", pondera a coordenadora do Sepe Wíria Alcântara.</p>             | <p>A divergência encontra-se na importância da prova da prefeitura em comparação à do professor. E não na existência dessa prova com função de dar nota à aprendizagem de cada aluno.</p> <p>Além disso, a mera existência dessa prova já tira a autonomia do professor e não o fato dela ter peso 2. E o mais grave é que junto a cada prova dessa, também vem todo um processo de preparação para a realização da prova. A função da educação escolar com o mero objetivo de preparar para provas é privilegiada e dificulta qualquer possibilidade de trabalho diferenciado.</p> | d_040103 | 12 |
| <p>Por isso as avaliações são fundamentais, elas nos apontam os problemas pontuais de cada criança dando ao professor o caminho para corrigi-los. No começo do segundo ano, aplicaremos a Provinha Brasil, do MEC, e, no fim dessa série, uma avaliação independente para saber se a alfabetização está concluída.</p>  |   | d_050201 | 13 |
| <p>Rio - Claudia Costin é a melhor coisa que acontece na gestão da prefeitura do Rio de Janeiro. Sua Secretaria de Educação detém uma avaliação precisa das dificuldades enfrentadas na sala de aula, por alunos e professores, do histórico das mazelas e possui uma proposição avançada de atuação.</p>   |   | d_100101 | 14 |
| <p>Na média geral, os do 7º e 8º ano andaram para trás, com médias que foram despencando ao longo das provas bimestrais de Português e Matemática. A última avaliação foi feita por 435.899 dos 485.161 alunos do 2º ao 9º ano de 981 escolas.</p>  | <p>Usa as provas bimestrais da secretaria para comentar sobre a aprendizagem dos alunos. O decréscimo das notas ao longo do ano necessariamente significa</p>   | d_110101 | 15 |

|   |  |          |    |
|---|--|----------|----|
|   | que os alunos estão andando para trás? Qual a função desse tipo de mensagem no jornal?   |          |    |
| "A instrumentalização dos professores e a avaliação constante para ver se os alunos estão <u>aprendendo</u> devem ser uma prática permanente, com o acompanhamento dos pais ou responsáveis, inclusive pela Internet, na hora e no local que quiserem", completou Cláudia.  | Michael Apple fala sobre essa questão.   | d_110102 | 16 |
| - Estamos trabalhando para dar um salto de qualidade na educação do Rio. Essa avaliação é fundamental para avaliar o desenvolvimento dos alunos e do nosso ensino. Vai mostrar, ainda, o quanto professores e as equipes de cada escola trabalharam para melhorar a aprendizagem de nossas crianças - afirma a secretária Cláudia Costin. | Essa declaração demonstra uma ideia importante que não está expressa explicitamente em outras reportagens. A utilização da avaliação para mensurar o trabalho docente. Isso desemboca na política meritocrática de premiação dos "melhores". | g_140101 | 17 |

#### Culpa

| Justificativas para a "má" qualidade relacionadas a aprovação automática  |                                     |          |    |
|---|-------------------------------------|----------|----|
| Unidades de registro  | Minhas considerações                | código   | nº |
| Eles (gestão passada) fizeram um sistema de ciclos que, na verdade, era uma aprovação automática. O sistema de ciclo é interessante, mas não da maneira como foi feito - criticou Maria Beatriz.  | A culpa é da "aprovação automática" | g_070203 | 1  |
| - Além de trabalharmos com textos maiores, os alunos de 9º ano acumularam déficit. Pegaram os efeitos da aprovação automática: foram sendo passados para frente com déficit de aprendizado - disse Costin.  |                                     | g_100102 | 2  |
| O desastre no 6º ano, segundo a secretária Cláudia Costin, é resultado da aprovação automática, implantada no governo Cesar Maia. Os alunos passavam automaticamente nos 4º e 5º anos, mas no 6º havia reprovação. "Houve represamento. Por isso, o analfabeto funcional ficava lá", observa. |                                     | d_040101 | 3  |
| A secretária de Educação, Cláudia Costin, culpa o sistema de aprovação automática da gestão passada: "Os alunos do último ciclo ficaram muito tempo sem fazer avaliação, especialmente de Matemática".  |                                     | d_080101 | 4  |
| A secretária reconheceu deficiências: "Frações e porcentagens são um grande problema, reflexo da extinta aprovação automática. E em Português não vi progressos, o que preocupa".   |                                     | d_090102 | 5  |

A secretária municipal de Educação, Claudia Costin, disse que a quantidade de alunos reprovados era esperada, por causa das deficiências provocadas no aprendizado após a aprovação automática, que entrou em vigor na gestão Cesar Maia. "Se a gente não tivesse feito o processo de realfabetização, esse número de repetência seria bem maior.

d\_120101 6

| Justificativas para a "má" qualidade<br>Falta de infra-estrutura, professores e violência  |   |          |    |
|--|---|----------|----|
| Unidades de registro   | Minhas considerações  | código   | nº |
| Acho que é resultado de anos de descaso, como falta de professores, estrutura e violência, como também da prática da aprovação automática.   | É importante notar que apesar do assumido déficit de 5.855 professores, essa fato não é recorrente como causa do problema. Só aparece para dizer que foram chamados concursados para diminuir um pouco esse déficit e para justificar a superlotação das salas. | g_070203 | 1  |
| Para a rede de uma forma geral, vamos resolver definitivamente a lotação das turmas quando diminuirmos o déficit de professores.<br><br>Fiquei feliz que, em ano de crise, conseguimos convocar 1.800 concursados e reduzir a carência, que era de 7 mil professores. No segundo semestre, vou pedir mais convocações. |   | d_050102 | 2  |





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
Escola de Educação – EE

## MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: HENRIQUE DIAS GOMES DE NAZARETH  
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO:  
uma análise na mídia impressa  
ORIENTADOR(A): Profa. Dra. Cláudia de Oliveira Fernandes

## FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

### PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Profa. Dra. ANDRÉA ROSANA FETZNER

Nota: 10,0

#### Considerações:

A monografia apresenta de forma muito qualificada o estudo realizado pelo estudante Henrique Dias Gomes de Nazareth sobre as concepções de avaliação e qualidade escolar apresentadas por dois jornais impressos do Estado do Rio de Janeiro: O Globo e O Dia, problematizando estas concepções por meio de autores do campo da educação que se constituem em referência na área (FERNANDES, 2008; ESTEBAN, 1999 e 2008; FRANCO, 2001; FREITAS, 2005 e 2009, entre outros). No desenvolvimento do trabalho, a historicidade do contexto em análise é apresentada, assim como a metodologia adotada (análise de conteúdo). O resultado é um trabalho monográfico que contribui para o entendimento de como a mídia impressa analisada trabalha (e constrói na opinião pública) os conceitos de avaliação e qualidade da educação (incluindo as relações entre estes), o que permite atingir os objetivos propostos (apresentados na página 10 do trabalho). Quanto à forma, o trabalho está bem escrito e sua estruturação permite compreender o processo da pesquisa realizada.

DATA: 14 de Julho de 2011 Assinatura: 

## SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Claudia de Oliveira Fernandes

Nota: 10.0

### Considerações:

O estudo monográfico *Qualidade da Educação e Avaliação: uma análise na mídia impressa* trata de uma temática relevante para o campo educacional e traz a contemporaneidade, aspecto importante às investigações do campo da educação. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa desenvolveu-se com rigor, conferindo ao relatório final, credibilidade acadêmica aos resultados obtidos. O texto da monografia está bem desenvolvido, apresentando clareza de idéias, coerência e coesão. Houve aprofundamento dos conceitos trabalhados, considerando-se, além disso, o desafio de se trabalhar com a polissemia do conceito de qualidade em educação. O trabalho com as reportagens dos jornais foi bastante interessante e produtivo, uma vez que a mídia se constitui no Brasil como veículo formador de opinião. O referencial teórico adotado foi bem trabalhado e aprofundado, assim como coerente com os princípios teórico-metodológicos inerentes ao objeto de estudo. Os dados obtidos foram muitos e as conclusões abrem novas perspectivas, característica importante para um trabalho científico. A pesquisa realizada e seu relatório final, em forma monográfica, retratam a competente trajetória do estudante como bolsista de iniciação científica.

Data: 14 de julho de 2011 Assinatura: Claudia de Oliveira Fernandes

### RESULTADO FINAL

| Avaliador 1 | Avaliador 2 | Média final |
|-------------|-------------|-------------|
| 10.0        | 10.0        | 10.0        |

Rio de Janeiro, 14 de Julho de 2011.  
Claudia de Oliveira Fernandes  
Prof. Orientador